

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
Programa de Pós-Graduação de Ciências da Religião

Renato Rodrigues Borges

ATEÍSMO PÓS-MODERNO DE MICHEL ONFRAY:
Descrição, Análise dos Pressupostos Filosóficos e Avaliação Crítica

São Paulo

2014

Renato Rodrigues Borges

ATEÍSMO PÓS-MODERNO DE MICHEL ONFRAY:

Descrição, Análise dos Pressupostos Filosóficos e Avaliação Crítica

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Ciências da
Religião da Universidade Presbiteriana
Mackenzie para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Religião.**

Orientador: Prof. Ricardo Quadros Gouvea, Dr.

São Paulo

2014

B732a Borges, Renato Rodrigues.

Ateísmo pós-moderno de Michel Onfray : descrição, análise dos pressupostos filosóficos e avaliação crítica / Renato Rodrigues Borges. – 2014.

91 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

Referências bibliográficas: f. 84-90.

1. Ateísmo contemporâneo. 2. Onfray, Michel. 3. Categorias da ateologia. 4. Tratado de ateologia. I. Título.

LC BL2747.3

Dedicatória

De modo muito especial, quero agradecer a minha amada esposa, Cristiane Guidi, sem ela certamente eu não teria levado adiante este projeto. Sua dedicação, amor e cuidado excedem as palavras que eu poderia usar. Obrigado por sua presença em minha vida. A meu filho Gustavo (7 anos) e Gabriela (2 ano) que tornaram minha vida mais especial.

Agradecimentos

Quero agradecer a todos os que de alguma forma contribuíram para a realização deste projeto. A Deus primeiramente, por ter concedido a mim as condições para chegar até aqui. A minha família e aos familiares pelo apoio e paciência que tiveram durante o tempo que precisei me ausentar para realizar a produção do texto aqui explicitado.

Agradeço também ao professor Dr. Ricardo Quadros Gouvea, pela muita paciência e disposição que teve no período de planejamento e execução deste trabalho.

Ao amigo Jésus Lisboa Gomes pelo apoio com a língua francesa, e por todo apoio prestado a mim e a minha família.

Epígrafe

“Toda filosofia é sempre a autobiografia e a confissão (do corpo) de um filósofo.” Michel Onfray

“A tragédia não é quando um homem morre, a tragédia é aquilo que morre dentro de um homem enquanto ele ainda está vivo.” Albert Schweitzer

Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir a respeito da ateologia proposta por Onfray, tendo como foco principal a obra *Traité d'Atheologie* (2005), na qual propõe as bases de seu ateísmo filosófico. Tem-se ainda a pretensão de identificar e apresentar a rede de pressupostos da ateologia pós-moderna onfrayana, bem como descrever o sistema de referência ateísta utilizado pelo filósofo e educador francês. Considerando o panorama da evolução das ideias ateístas desde a modernidade, o corrente trabalho também busca apresentar as contribuições da ateologia onfrayana no que se refere à sua proposta filosófica. Assim, o que se apresenta neste estudo é uma abordagem crítica do que Michel Onfray chama de ateologia, bem como a análise das categorias filosóficas que fundamentam o ateísmo pós-moderno e sua descrição no que tange à proposta do tratado ateológico.

PALAVRAS CHAVE: ateísmo contemporâneo, Michel Onfray, categorias da ateologia, tratado de ateologia.

Résumé

Cette recherche a pour objectif de réfléchir à l'égard de l'Athéologie proposée par Onfray, en prenant comme référence l'ouvrage *Traité d'Athéologie* (2005), dans lequel les bases de son athéisme philosophique ont été proposées. De plus, il y a l'intention d'identifier et de présenter le réseau de présuppositions de l'Athéologie postmoderne onfrayenne, aussi que décrire le système de référence athéiste mis en oeuvre par le philosophe et éducateur français. En tenant compte le cadre de l'évolution des idées athéistes depuis la modernité, ce travail cherche aussi à montrer les contributions de l'Athéologie onfrayenne dans ce que concerne sa proposition philosophique. Alors, ce qui est présenté dans cette étude c'est une approche critique de ce que Michel Onfray appelle d'Athéologie, aussi que la vérification des catégories philosophiques dans lesquelles sous-tend l'athéisme postmoderne et leur description par rapport à la proposition du traité Athéologique.

MOSTS-CLES: l'athéisme contemporain, Michel Onfray, catégories de athéologie, traité d'athéologie.

Abstract

The objective of this paper is to reflect about the atheology proposed by Onfray, focusing mainly on the *Traité d'Atheologie* (2005) work, which proposes the foundations of his philosophical atheism. Still has the intention to identify and present the network of assumptions onfrayana postmodern atheology and describe the system of reference used by the atheist philosopher and french educator. Considering the overview of developments in atheistic ideas from modernity, the current work also seeks to present the contributions of onfrayana atheology with regard to its philosophical proposal. Thus, what is presented in this study is a critical approach than Michel Onfray calls atheology as well as analysis of the philosophical categories that underlie the postmodern atheism and its description in terms of the atheological treaty.

KEYWORDS: contemporary atheism, Michel Onfray, categories of atheology, atheology treaty.

SUMÁRIO

Resumo	06
Résumé	07
Abstract	08
Introdução	09
Capítulo I – Um Resumo Sobre a Vida e Obra de Michel Onfray	11
1.1. Memórias de infância.....	13
Capítulo II – Uma Breve História do Ateísmo na Abordagem Onfrayana	19
2.1 Seguindo a trilha dos antigos.....	24
2.2 Cristianismo Hedonista.....	30
2.3 As luzes do alvorecer.....	37
2.3.1 Jean Meslier: Rumo à ateologia	42
2.3.2 D’Holbach.....	46
2.3.3 Marquês de Sade.....	49
2.4 A O Cristianismo e a Ateologia.....	52
Capítulo III – Pressupostos Filosóficos da Ateologia de Onfray	59
3.1 O ateísmo radical.....	60
3.2 O Materialismo e a razão corpórea.....	63
3.3 Hedonismo: o corpo, o prazer e as sensações.....	67
3.4 Utilitarismo pragmático.....	74
Capítulo IV – Considerações Acerca do Ateísmo Onfrayano	78
Palavras Finais: Novas Perguntas e Sugestões para Futuros Estudos	85
Referências Bibliográficas e Bibliografia	87

INTRODUÇÃO

O ateísmo defendido por Michel Onfray emerge de uma proposta hedonista enquanto alternativa para contrapor a dominação religiosa no que tange a busca pela felicidade e o sentido da vida. O autor francês denuncia o compromisso que a filosofia, política e ciência têm com as categorias dos valores niilistas e religiosos. A leitura da realidade feita a partir destes pressupostos causa um tipo de “desligamento”, uma ruptura com o universo real. Por este motivo, Michel Onfray se coloca em oposição aos sistemas religiosos e idealistas e decreta a necessidade de uma resignificação dos valores a partir de uma filosofia ateísta a qual tem por finalidade construir uma ética libertária, sem obrigações nem sanções transcendentais, com o fim de promover a emancipação do ser humano.

O autor chama a atenção para a superação do modelo moderno de homem alicerçado na crença em Deus e na ciência. Onfray afirma que a religião, bem como a ciência, produziram uma metafísica deficiente de vida, que deve ser superada, só então estabelecer uma moral para o homem, pelo homem e por amor à vida. Ele ressalta esta justificativa na primeira parte de seu *Traité d'Athéologie* quando destaca:

O ateísmo pós-moderno abole a referência teológica, mas também científica, para construir uma moral. Nem Deus nem a Ciência, nem o Céu inteligível nem o arranjo de proposições matemáticas, nem Tomás de Aquino nem Auguste Comte ou Marx. Mas a Filosofia, a Razão, a Utilidade, o pragmatismo, o hedonismo individual ou social, convites para evoluir no terreno da imanência pura, na preocupação dos homens, por eles, para eles, e não por Deus, para Deus (...). A superação dos modelos religiosos e geométricos [...]. (ONFRAY, 2005, p. 44, tradução: Monica Stahel)

No tocante ao campo de estudo das Ciências da Religião, a obra *Traité d'Athéologie* denuncia o compromisso de autores como Descartes, Kant, Hegel e Marx com o modelo da episteme cristã, desta forma, na compreensão de Onfray, os críticos da religião apenas criaram uma espécie de “ateísmo cristão”, pois, jamais negam por completo a validade da religião ou seus postulados, a saber; Deus, alma e o modelo hierárquico de autoridade.

Onfray também destaca em sua obra a importância do ateísmo como uma espécie de antídoto contra o fundamentalismo religioso, afirma ainda que o termo

“ateu” serviu para designar não apenas aquele que não crê em Deus, mas aquele que acredita em algo que não corresponde à crença oficial.

“O jesuíta Garasse representa Lutero como ateu (!), Ronsard faz o mesmo com os huguenotes¹... A palavra vale como insulto absoluto, o ateu é o imoral, o amoral, a personagem imunda da qual se torna condenável querer saber mais ou estudar os livros uma vez lançado o epíteto. A palavra basta para impedir o acesso à obra. Funciona como a engrenagem de uma máquina de guerra lançada contra tudo o que não funciona no registro da mais pura ortodoxia” (2005, p.51, tradução: Monica Stahel)

Em relação a estas questões apresentadas no *Traité d’Athéologie* (2005), cabe ao presente trabalho investigar os pressupostos metateóricos que dirigiram sua teoria. Para tal feito, faz-se necessário recorrer as diferentes obras do autor, bem como textos de apoio, incluindo aqueles que tecem suas críticas no que tange a proposta onfrayana.

O primeiro capítulo expõe um breve relato sobre a vida e obra do autor, no qual procuro apresentar alguns fatos de sua infância que tanto eu, quanto Da Mata(2007) consideramos relevantes para melhor compreensão do que Onfray chama *ateísmo ateu*. Ademais, o próprio Onfray entende que sua ateologia tem uma relação direta com sua autobiografia (ONFRAY, 2008, p. 22).

O capítulo seguinte trata da construção e interpretação onfrayana de ateísmo levando em consideração a descrição do ateísmo enquanto tema filosófico a partir da filosofia antiga, pois esta aponta para algumas das categorias da ateologia de Onfray, que serão analisadas e discutidas no terceiro capítulo. O segundo capítulo também explora o ateísmo iluminista, em especial a proposta de Jean Meslier e D’Holbach considerados por Onfray como verdadeiros desconstrutores do cristianismo. Ademais, as impressões acerca do cristianismo abordadas no final deste ponto.

A terceira parte do trabalho se dedica a apresentar e analisar os pressupostos da ateologia que fundamentam a construção da ética e ontologia proposto pelo pensador francês. Serão investigados o ateísmo ateu, o materialismo, o hedonismo e o utilitarismo pragmático.

¹ **Huguenote** é a denominação dada aos calvinistas franceses pelos seus inimigos nos séculos XVI e XVII

O quarto capítulo traz algumas considerações sobre a ateologia onfrayana, cujo intuito é expor alguns pontos de convergência e divergência entre a ateologia e a proposta de ateísmo de outros autores.

1. UM RESUMO SOBRE A VIDA E OBRA DE MICHEL ONFRAY

Eu não imagino uma filosofia sem o romance autobiográfico². Michel Onfray

Onfray nasceu em 1959, é o filósofo e fundador e coordenador da Université Populaire du Goût d'Argentan (Universidade Popular de Goût Argentan) e Universidade Popular de Caen, onde ministra aulas de contra-história da filosofia. Doutor em Filosofia pela Universidade de Paris, publicou mais de sessenta obras. Em 2005 publicou *O Tratado de Ateologia* em mais de 20 países, só na França foram vendidos mais de 300.000 exemplares. Michel Onfray defende a crença na razão, no hedonismo e no ateísmo, também faz palestras³ pelo mundo sobre temas ligados à religião, ateísmo, política e educação.

No universo acadêmico brasileiro existem dois trabalhos que propõem algumas reflexões acerca da filosofia onfrayana, um foi apresentado por João da Mata(2007) pela Universidade Gama Filho, o outro por Abraão Lincoln Ferreira Costa(2008) pela Universidade de Brasília. Ambos discutem o materialismo hedonista frente às questões religiosas e éticas.

Concernente à visão política de Onfray, este advoga a favor do anarquismo, tema central de sua obra *A Política do Rebelde* (1999), na qual propõe sua ética libertária enquanto proposta individual e social:

Como se pode ser hoje anarquista? (...) Instalando a ética e a política no perpétuo terreno da resistência. (...) Longe da proposta de um modelo de sociedade ideal (...) o libertário contemporâneo avança com uma atitude, uma postura, uma maneira de ser, de dizer e de fazer, um temperamento. Esta manifesta resistência, a essência da força libertária pode ser ativada em qualquer sociedade, quaisquer que sejam as geografias e as histórias. (ONFRAY, 1999, p.191,192)

² Contra-História da Filosofia. Volume 2, p. 22.

³A agenda de palestras está registrada no site oficial do autor.

Dentre as obras recentes do autor está o livro *Le crépuscule d'une idole - L'affabulation freudienne* (2010) com mais de seiscentas páginas, nas quais o filósofo francês tece suas críticas a Freud e à psicanálise. Onfray apoia-se em documentos incluindo correspondências e as famosas cinco psicanálises apresentadas por Freud (1910/1976), para a partir destas fontes apresentar suas considerações. A obra suscitou reação no mundo todo por parte da comunidade psicanalítica freudiana, haja vista as acusações de charlatanice que o autor francês faz a Freud.

No mesmo ano que foi lançada a obra *Le crépuscule d'une idole - L'affabulation freudienne* (2010), a psicanalista e historiadora da psicanálise Elisabeth Roudinesco⁴ escreveu o texto *Roudinesco déboulonne Onfray* (2010) (Roudinesco desmascara Onfray) para tratar das acusações onfreyanas no tocante a história da psicanálise, que segundo a autora são acusações levianas. Em janeiro de 2013, o autor retoma o tema com a obra *Les freudiens hérétiques: Contre-histoire de la philosophie, tome 8*⁵(2013) São quatrocentas páginas que abordam as teorias freudianas de uma perspectiva bem ácida, na qual, logo na introdução, Onfray afirma que o suposto pai da psicanálise foi o arquiteto de uma espécie de “golpe de Estado” cujo objetivo era aclamar para si o título de inventor da psicanálise.

No campo da filosofia foram publicadas dezenas de obras, com destaque para a já citada coleção *Contra-História da Filosofia*, na qual se propõe a examinar os vinte e cinco séculos da história da filosofia clássica sob a justificativa de que a filosofia atea não tem a devida valorização na história da filosofia oficial. Ainda, segundo o autor, a história da filosofia foi escrita a partir do idealismo que serviu para justificar a dominação ideológica e física daqueles que permaneceram no poder. Por conseguinte, Onfray entende que teriam ficado nas sombras da história da filosofia os epicuristas, os libertinos barrocos, os ultra iluministas, os gnósticos licenciosos, os utilitaristas anglo-saxões.

Ao assumir a missão de descrever a história da filosofia a partir da ética hedonista, Michel Onfray apresenta uma série de escritos que reforçam a postura anarquista, ateuista e utilitarista descrita em seu *Traité d'Athéologie* (2005). Em 2012

⁴ Elisabeth Roudinesco, Diretora dae Recherche en Histoire, Université Paris VII – Denis Diderot Presidente da Société Internationale d'Histoire de la Psychiatrie et de la Psychanalyse

⁵Freudianos Hereges: contra-história da filosofia, Vol. 8

publicou *L'ordre libertaire: La vie philosophique d'Albert Camus* (A ordem libertária. Vida filosófica de Albert Camus), na qual Onfray descreve Albert Camus como “hedonista, libertário, anarquista, anti-colonialista e visceralmente hostil à todas as formas de totalitarismo” (ONFRAY, 2012).

Vale ressaltar que o projeto educacional adotado pela Universidade Popular de Caen⁶ está ligado à proposta emancipadora da pedagogia libertária, cujo objetivo se traduz nos seguintes termos:

o termo libertário significa "o que educa para a liberdade", ou "o que faz da liberdade o bem supremo", sem dúvida, que poderíamos começar com Sócrates e a sua maiêutica, a sua arte de desenvolver as potencialidades de cada qual e torná-las em realidades tangíveis (ONFRAY, 2005)

Nota-se que o projeto filosófico, político e pedagógico onfrayano passa por aquilo que o autor chama de ética hedonista libertária, tema analisado no quarto capítulo desta dissertação.

1.1 Memórias de infância

As primeiras impressões da infância de Michel Onfray foram apresentadas na obra *La Puissance d' Exister* (2006), em que o autor dedica trinta páginas do prefácio para relatar parte de sua vida enquanto criança, morando em uma aldeia em Chambois na França. Ao ler os primeiros parágrafos tem-se a impressão de participar de uma seção de psicanálise, pois Onfray constrói uma atmosfera que remonta às seções de terapia. O filósofo enfrenta seus fantasmas, exorciza seus demônios e revive episódios traumáticos que o fez adiar por mais de trinta anos os escritos referentes à sua infância e juventude. Em palavras textuais, Onfray declara:

Abordo enfim no papel esse momento de minha existência após o pretexto de uma trintena de livros para não ter de escrever as páginas que se

⁶ ONFRAY, Michel. Entrevista ao *Le Monde de L'Education*, nº 338, Julho-Agosto de 2005.

seguem. Texto adiado, muita dor para voltar àqueles quatro anos num orfanato de padres [...]. Aos dezessete anos, bati as asas, morto-vivo e parti para a aventura que me conduziu, neste dia, para a frente da minha folha de papel, onde vou depositar uma parte das chaves do meu ser. (ONFRAY, 2010. Prefácio).

Vale ressaltar que a partir desse momento da vida de Onfray, a religião está quase sempre relacionada à dor, abandono ou algum tipo de trauma, que por sua vez, reverberam na em sua ateologia. Para justificar tal afirmação é necessário expor alguns fatos narrados pelo próprio autor no prefácio de sua obra *A Potência de Existir* (2010). Também fica evidenciado no texto citado acima, a necessidade de conhecer a história de vida do autor, pois esta traz consigo “as chaves” para melhor compreender o pensamento onfrayano. Da Mata também acredita que as interpretações onfrayanas estão intimamente ligadas com a história de vida do autor e por este motivo não podem ser deixadas de lado.

A trajetória intelectual de Michel Onfray mistura-se com sua história pessoal. Os primeiros anos de vida próximos à fábrica; a morada no pensionato; o encontro com o anarquismo; a curta e angustiante vida de proletário; a demissão marcante do emprego fabril e o contato com as obras de Marx e Nietzsche foram algumas das passagens em sua história que tornaram-se determinantes para seu pensamento. (DA MATA, 2007, p.60)

Antes de completar dez anos de idade, o filósofo francês colhia amoras, pescava, confeccionava flautas, sentia a natureza. Sentir o cheiro da lavoura e a vibração do vento, caminhar em trilhas no meio da mata, observar o voo das abelhas e a correria dos gados são cenas do cotidiano na vida do pequeno Onfray. “Vivi feliz nesses tempos virgilianos [...] antes de ler as Geórgicas eu as vivi, minha carne em contato direto com a matéria do mundo.” (ONFRAY, 2010. Prefácio) afirma o autor de *A Potência de Existir*.

Ao examinar os textos de Geórgicas (VERGÍLIO, 1761) percebe-se o caráter epicurista de viver em harmonia com a natureza, um jardim em oposição aos vícios, ao desarmônico, assim a prática da *ataraxia*, a ausência de perturbação leva o homem a se encontrar na natureza, tendo Gaia por ciência, encantado pelo mundo imanente das sensações. Onfray registra a importância deste pensamento em

Contra-História da Filosofia “O real epicurista provém da terra, de um real encantamento de uma casualidade fenomenal redutível a encadeamentos racionais” (ONFRAY, 2008, p. 172).

Concernente à ideia de perceber um vínculo entre a filosofia epicurista e os versos de Vergílio, Ribeiro declara:

Virgílio viveu numa época cheia de conflitos, mas apesar de tudo, venceu os obstáculos, pautando-se na filosofia epicurista de Lucrecio com o intuito de esquecer as vicissitudes pelas quais passou; por isto criou uma obra poética voltada à natureza, lugar de paz, harmonia e amizade verdadeira” (RIBEIRO, M. L. M, 2006, p. 17)

A relação entre as teorias epicuristas e os pressupostos da filosofia de Michel Onfray será analisada no capítulo dois, entretanto, faz-se necessário apresentar o vínculo entre a vida do autor francês a suas propostas no campo da filosofia.

A relação do menino Onfray com sua mãe foi bem conflituosa e dolorosa, visto que além de ser encarado como um peso para o cotidiano sofrido de sua progenitora, sua mãe também havia passado por uma experiência traumática na infância. Logo nos primeiros dias de vida foi abandonada em um caixote às portas de uma igreja, era um domingo, Dia de Todos os Santos. O autor chega a declarar, “minha dor, na época, é minha mãe” (ONFRAY, 2010. Prefácio).

O cotidiano marcado por dificuldades de uma vida árdua, violência que gerava mais violência contra seu filho, não há dúvidas de que para uma criança de oito anos tais experiências causassem um certo mal-estar. Trazer para luz memórias que se quer enterrar é um sinal de potencialidade do ser em superar traumas. “Meu Deus, como ela deve ter sofrido por não ter conseguido conter o ódio que lhe impingiram e que ela devolvia ao mundo, sem discernimento, incapaz de poupar seu filho” (ONFRAY, 2010. Prefácio).

O autor de *A Escultura de Si* (ONFRAY, 1995) foi levado para o orfanato Giel em 1969, surgiu um sentimento amargo do abandono e indignação por ver sua mãe trocar o papel de abandonada por abandonadora. A arquitetura do orfanato utilizava

o granito armoricano que lembrava presídios, o complexo tinha o aspecto da letra “E”. Havia uma capela de telhado cor de antracito, paredes de concreto armado e aparência sóbria. Próximo ao centro estava o moinho e algumas canoas construídas pelos padres, também uma série de pequenas edificações à beira do Orne⁷. As três pequenas estradas que davam acesso ao complexo eram vigiadas pelos padres.

Um garoto de dez anos com estatura em torno de um metro, convivendo no orfanato com cerca de seiscentos alunos, tudo isso aos olhos de uma criança lembrava uma prisão sem muralhas; “Giel tinha o sabor de gelo com fel⁸” registra Onfrey (ONFRAY, 2010. Prefácio).

A educação religiosa harmoniza-se com um ambiente de clausura, o sentimento de abandono está cada vez mais vinculado à dor e ao sofrimento. Michel Onfray descreve na introdução de *A Política do Rebelde* (1999) alguns destes sentimentos que contribuíram para produção de sua filosofia ateísta e hedonista, nota-se que o elemento religioso mais uma vez tem uma relação direta com o sofrimento do autor francês:

Logo que aos 10 anos, meus pais me enviaram para o orfanato dos Salesianos, logo que vi a primeira mão levantar-se ameaçadoramente contra mim, logo após os primeiros vexames infligidos pelos padres e outras humilhações contemporâneas da minha infância (ONFRAY, 1999. p. 9).

Concernente à interpretação na qual a filosofia de Onfray está intimamente ligada a suas vividas experiências de juventude, João da Mata justifica:

É assim que Michel Onfray nos mostra (2001): “Eu não imagino uma filosofia sem o romance autobiográfico que a torna possível” (p. 15). Assim, esta é uma preocupação do autor: estabelecer uma relação direta entre seu pensamento e uma militância prática na forma de fazer filosofia e política. (DA MATA, 2007, p. 61)

Educação que passa por literaturas religiosas, uma dentre tantas chama a atenção, *A vida prodigiosa e heroica de dom Bosco. A Introdução à vida devota*. O filósofo francês declara que este HQ em particular trazia uma versão heroica e

⁷ O rio Orne é um rio no norte da França que desagua no canal da Mancha no porto de Ouistreham.

⁸ Em francês, gel e fiel.

apologética de dom Bosco, afirma também que foram quatro anos de inferno entre 1969 a 1973, anos que tiraram dele a infância, a vida e marcaram sua carne. “A história do ser se escreve ali, com essa tinta existencial, esse corpo que registra animalmente a solidão, o abandono, o fim do mundo” declara Onfray (ONFRAY, 2010. Prefácio).

Os garotos que passavam por ali tinham como destino mais nobre a vida devota ao sacerdócio, outros menos moldáveis seriam encaminhados a profissões que exigiriam trabalhos manuais; agricultor, padeiro, cozinheiro ou marceneiro. Era fácil perceber na instituição quem eram os melhores alunos, pois as classes seguiam um modelo de classificação alfabética, de A à C, na qual a letra A era para aqueles privilegiados intelectualmente, enquanto os da classes C era para os menos bons. Os padres mantinham uma devoção por futebol e outra pela música. Acerca destas duas formas, Onfray desenvolve uma repulsa, um ateísmo, ele esclarece “sou ateu nesses dois mundos...” “A religião do esporte torna difícil a vida de todo ateu desse culto singular” (ONFRAY, 2010. Prefácio)

Os sacerdotes conduziam o chamado *Cross*, um tipo de maratona organizada para percorrer trilhas na floresta e campo ao redor do orfanato, era extremamente desagradável, pois em trechos dentro da floresta os mais “fortes” empurravam os mais franzinos para os espinheiros e riachos. Fazia parte da humilhação empurrões, cuspidas e escarradas no rosto, isso era algo comum para os retardatários.

À noite, na hora de dormir, era o único momento para usufruir um pouco de si. Depois do apagar das luzes, Onfray afirma que ter-se-ia a necessidade de aprender a viver no escuro, pois “ali estava o tesouro”, “um espaço vital”. As roupas dentro do armário traziam a numeração 490 grafada, as quais ele deveria usar para transitar dentro da instituição. Nada de nome ou outro tipo de identificação referente ao estudante, apenas um número que reduz o indivíduo a algarismos. Onfray destaca este episódio e apresenta sua indignação para com o sistema que faz dele uma abstração numérica, o descaracteriza e o separa de sua filiação. Deste modo, ele declara: “Normal, estou num orfanato onde abandonam as crianças, logo devem separar as crianças de seus nomes a fim de se tornarem um número em uma lista” (ONFRAY, 2010. Prefácio).

Todo este episódio leva o autor a uma crise existencial que vale ser transcrita integralmente:

O chão foge sob os meus pés. Michel Onfray acabou, pois. Não serei mais que 490, um número que reduz meu ser a esses algarismos. O menino a minha frente deve ter pais, logo, uma linhagem, uma filiação a reivindicar e arvorar em letras de linha vermelha. Para mim, não, acabou-se. Fui morto ali, naquele dia, naquele momento. Pelo menos a criança em mim morreu e eu me tornei adulto repentinamente. Mais nada me assusta desde então, não temo nada mais devastador. (ONFRAY, 2010. Prefácio).

O trecho do livro *A Potência de Existir* (ONFRAY, 2010. Prefácio) relata momentos de alívio na lavanderia do orfanato, uma infância de odores que causam repugnância, entre oásis que exprimem um odor suave e agradável. O garoto Onfray se vê envolto em um ambiente de odores cercado por religiosos que exalam sujeira, gordura e caspas. Momentos, odores e valores formam o mosaico impresso na alma do autor francês. Reminiscência longe de ser vaga ou desforma, pelo contrário, atribui-se sabores, odores e paladar a cada momento vivido, cheiro de vida e de morte, sabores e dissabores atribuindo sentido à vida, trazendo a existência o espírito onfrayano.

Os processos que acompanharam a formação da identidade de Onfray passam pelo orfanato, experiência muitas vezes traumáticas dentre poucos momentos de júbilo, episódios que segundo o autor servem de “chaves” para compreender os escritos por ele publicado. Outrossim, Onfray comunica à aqueles que querem compreender sua filosofia: “Este prefácio dá as chaves, as páginas que se seguem procedem de todas as minhas obras que, cada uma delas, decorrem de uma operação de sobrevivência efetuada desde o orfanato.” (ONFRAY, 2010. Prefácio), afinal um texto se compreende pelo contexto.

2. UMA BREVE HISTÓRIA DO ATEÍSMO NA ABORDAGEM ONFRAYANA

A historiografia dominante oculta a filosofia ateia. Michel Onfray

A história da Filosofia ateísta é a história dos vencidos, uma filosofia não compatível com a história dos vencedores contada por mais de dois mil anos. Deste modo, a história da filosofia tal como é apresentada em enciclopédias, nos manuais de filosofia, bem como ensinada nos cursos de filosofia das maiores universidades, se mistura com a história do cristianismo. Por efeito, tem-se uma história da filosofia sob uma única perspectiva, a metafísica. “As histórias da filosofia empenham-se em mostrar a riqueza das variações sobre esse tema idealista.” (ONFRAY, 2008, p. 16)

Em oposição ao ideário metafísico, Onfray propõe “a história de uma filosofia que não se constitui contra o corpo, a despeito dele ou sem ele, mas com ele” (ONFRAY, 2008, p. 22), ou seja, materialista, utilitarista pragmática, sensualista, ateia, encarnada. Aqui vale ressaltar que estes pontos são analisados e descritos nos capítulos que se seguem.

Percebe-se que o problema denunciado por Onfray logo nas primeiras páginas do primeiro volume de *Contra-história da Filosofia* (2008) se trata de uma questão histórica, ao mesmo tempo um problema de ética filosófica. De fato, fazer filosofia é não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as ideias, os fatos, as situações, os valores, as histórias; jamais aceitá-los sem antes investigar, eis a *dúvida metódica*. Investigar, questionar e analisar a própria filosofia dada como oficial trata-se de um compromisso ético com o que torna a filosofia, filosofia.

Verifica-se que a preocupação do autor é, primeiramente, reinterpretar a história da filosofia para; a partir deste ponto fundamentar seu ateísmo. Em termos filosóficos, a compreensão do ateísmo onfrayano depende da resignificação de certos temas da filosofia, visto que a episteme⁹ cristã contribuiu significativamente para a construção da história da filosofia que domina desde há dois mil anos. “No reino da filosofia oficial, as fábulas triunfam. Não se questiona os produtos da

⁹Configuração que o pensamento assume em uma determinada época

historiografia dominante. (...) não poupamos a episteme da nossa cultura quando produzimos uma história de qualquer disciplina” (ONFRAY, 2010, p. 5). Assim, ao propor a reinterpretação da história da filosofia, fica evidente que a Contra-história da Filosofia fundamenta-se na episteme imanente. Deste modo, há uma valorização do sensível em detrimento do inteligível. Assim o platonismo é destituído de sua posição de destaque, para que a proposta de fazer filosofia a partir do corpo seja estabelecida.

Deste modo, a Contra-História da Filosofia vem somar forças por meio de uma historiografia alternativa que leva a afirmação do hedonismo, do materialismo, do utilitarismo e do ateísmo. Nesta contra-história, o termo “ateísmo” é compreendido de várias formas, contudo, o tipo de ateísmo que Onfray vai advogar é o ateísmo radical dos *ultras das filosofia*, ou seja, o da ala radical materialista.

Neste sentido o ateísmo tem como proposta “a conjuração de toda transcendência. Sem omissão. Ele obriga igualmente a uma superação das aquisições cristãs” (ONFRAY, 2005, p. 79, tradução minha). Assim, o modo de construir a filosofia ateísta se dá no terreno da desconstrução da história da filosofia, no abandono do valores transcendentais, conseqüentemente, afirmação da imanência para propor um autêntico *ateísmo ateu*¹⁰.

A partir da necessidade de buscar uma fundamentação para seu ateísmo, Michel Onfray faz um balanço dos registros bibliográficos acerca do tema, a fim de denunciar a situação de indigência que se encontra este na história da filosofia.

Para isso, o autor de *Traité d’Athéologie* vem reclamar o lugar da bibliografia ateísta, pois nas bibliotecas não há uma seção específica para tratar o tema, ao passo que a religião e a metafísica dispõem de seções e subseções que compõe o ideário transcendente.

A bibliografia da questão atea é indigente. Rara em comparação com as publicações dedicadas às religiões - quem conhece uma estante sobre ateísmo nas livrarias? ao passo que todas as variações sobre o tema religioso dispõem de suas subseções, e além disso de má qualidade. Como se os autores sobre esse tema trabalhassem para satisfazer aos deícolos! (ONFRAY, 2005, p. 285, Tradução: Monica Stahel).

¹⁰ *Athéisme athée*. Termo apresentado por Onfray que propõe a negação de Deus associada à negação de uma parte dos valores decorrentes dela. *Traité d’Atheologie*, 2005, p. 96

De certa forma, principalmente no Brasil, a pertinência da crítica encontra-se no fato de que para Onfray, pois, parte das bibliotecas e livrarias não apresentam uma seção especializada para o tema “ateísmo” e suas subdivisões, conseqüentemente, pesquisas acadêmicas ficam limitadas a um número restrito de obras. Entendo que neste sentido a preocupação de Onfray está focada em expor parte desta bibliografia que ficou às margens da história da Filosofia, à medida que vai fundamentando o projeto de seu *ateísmo radical*. Em um dos casos pesquisados pelo autor, este constata:

Exemplo: o trabalho do barão de Holbach não existe na Universidade; não há uma edição erudita ou científica publicada por um editor de filosofia que seja expressivo; não há trabalhos, teses ou pesquisas atuais de algum professor que tenha influência na instituição; não há obras em coleções de bolso, evidentemente, menos ainda na Pléiade - ao passo que Rousseau, Voltaire, Kant ou Montesquieu dispõem de suas edições; não há cursos ou seminários dedicados à análise e à difusão de seu pensamento; não há uma única bibliografia... (ONFRAY, 2009, p. 60, tradução: Monica Stahel).

De acordo com o diagnóstico de Onfray, vivemos sob uma realidade marcada pela religião no contexto global, conseqüentemente, marcada pelo niilismo, pelas fábulas metafísicas e distanciamento da realidade. Logo, o momento é ideal para a ateologia, como movimento de superação do estado teológico na qual a humanidade se encontra.

Vale lembrar que a superação do estado niilista e metafísico foi uma proposta indicada por Nietzsche quando este registra o termo *Übermensch*¹¹, no que se refere à ideia do homem ir além do que é, buscando ultrapassar os limites da superficialidade, não se prende à necessidade do consolo metafísico, busca viver esta finitude, pois a existência não tem uma justificativa, senão pela própria sede de viver a vida.

A ideia de que a organização social é marcada pelos valores niilistas cristãos não é exclusivamente postulada por Onfray. Autores como Ludwig Feuerbach - *A Essência do Cristianismo*(1841), Nietzsche – *Genealogia da*

¹¹ *Übermensch*, descrito no livro Assim Falou Zaratustra (Also sprach Zarathustra), do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, em que explica os passos através dos quais o Homem pode tornar um transmutador de valores.

Moral(1887), Freud - *O Futuro de uma Ilusão*(1927) e Luc Ferry e Lucien Jerphagnon em *A Tentação do Cristianismo*(2009) são algumas das obras que apontam o cristianismo como fator determinante na concepção dos valores social ocidentais.

Ainda sobre a condição histórica do ocidente, o autor adota uma compreensão semelhante a apresentada pelo filósofo positivista Auguste Comte(1934), em que divide a história da sociedade em três estágios¹², no qual o primeiro estágio corresponde ao período místico que caminha para o estágio do esclarecimento, contudo as semelhanças entre Comte e Onfray se limitam a este ponto. De acordo com a obra *Traité d'Athéologie* (2005), os três períodos são: pré-cristão, cristão e pós-cristão que se caracterizam da seguinte forma:

O continente *pré-cristão* existe como tal: da mitologia dos pré-socráticos ao estoicismo imperial, de Parmênides a Epicteto, o setor pagão aparece nitidamente desenhado. Entre este e o *continente cristão*, identificam-se zonas de turbulências: dos milenarismos proféticos do século II da era comum à decapitação de Luís XVI (janeiro de 1793) que marca o fim manifesto da teocracia, a geografia parece igualmente coerente; dos padres da Igreja ao deísmo laico das Luzes, a lógica parece evidente. Esse terceiro tempo para o qual nos encaminhamos, um continente pós-cristão.

O fim do *pré-cristão* e o início do pós-cristão assemelham-se estranhamente: mesmo niilismo, mesmas angústias, mesmos jogos dinâmicos entre conservantismo, tentação reacionária, desejo do passado, religião de imobilidade e progressismo, positivismo, gosto pelo futuro. A religião assume o papel filosófico da nostalgia; a filosofia, o da futurição.

As forças que estão em jogo são facilmente identificáveis: não judeu-cristianismo ocidental, progressista, esclarecido, democrático contra islã oriental, passadista, obscurantista, mas monoteísmos de ontem contra ateísmo de amanhã. (ONFRAY, p. 70, tradução: Monica Stahel)

Neste processo, o ocidente vive sob o continente cristão, sob uma espécie de deísmo laico, entretanto, sintomas como o niilismo e conservadorismo são indicativos do processo de transição para o *continente pós-cristão*. O agora histórico configura-se em um interregno, um momento de transição, um intervalo para a configuração do *continente pós-cristão*. "O período de turbulências no qual nos encontramos indica que a hora é das recomposições continentais. Daí o interesse de um projeto ateológico" (ONFRAY, 2005, p. 71, tradução: Monica

¹² *Catecismo Positivista*, 4ª edição brasileira da Igreja Positivista do Brasil, de 1934, página 479.

Stahel). Evidentemente, o projeto onfrayano pretende substituir a mentalidade religiosa, transcendente e positivista pela racionalista, hedonista e imanente, por este motivo, advoga por uma *contra-história da Filosofia*¹³ que aponta para o ateísmo militante, a fim de reconfigurar a história da Filosofia e o conjunto dos valores a partir dos quais os seres humanos orientam suas vidas.

A reconfiguração deve mobilizar as múltiplas formas do conhecimento:

“psicologia e psicanálise (examinar os mecanismos da função fabuladora), metafísica (apreender as genealogias da transcendência), arqueologia (fazer falar os solos e subsolos das geografias das mencionadas religiões), paleografia (estabelecer o texto do arquivo), obviamente história (conhecer as epistemes, seus estratos e seus movimentos na zona de nascimento das religiões), comparatismo (constatar a permanência de esquemas mentais ativos em tempos distintos e lugares distanciados), mitologia (pesquisar sobre os detalhes da racionalidade poética), hermenêutica, linguística, línguas (pensar o idioma local), estética (seguir a propagação icônica das crenças).” (ONFRAY, 2005, p. 34. Tradução: Monica Stahel)

Michel Onfray ocupa-se em anunciar o que este chama de *física da metafísica*, visto que a “metafísica” em sua proposta não parte do que é transcendente, do inteligível, mas do imanente, a fim de estabelecer uma ontologia materialista. Em linhas gerais, a proposta onfrayana está comprometida com a contra-Filosofia, a qual fundamenta o ateísmo a partir do sensível. Como já mencionado, trata-se de uma inversão do modelo platônico de como conhecer a realidade, visto que para Onfray esta parte-se da valorização do sensível em detrimento do inteligível.

¹³ Contra-filosofia. O termo está relacionado aos antifilósofos, os pensadores do século XVIII, os adversários dos filósofos do Iluminismo. Católicos, monarquistas, crentes, opositores da revolução francesa, eram os defensores reacionários de uma forma de pensar tradicionalista, deste modo a contra-filosofia é a filosofia dos que se opõem à filosofia dominante, consequentemente o termo *contra-história da filosofia* se destina a historiografia dos filósofos da contra-filosofia.

2.1 Seguindo a trilha dos antigos

O filósofo e matemático britânico Alfred North Whitehead escreveu em sua obra *Process and Reality*¹⁴ (New York, 1929) que a tradição filosófica europeia consiste em uma série de notas sobre a filosofia de Platão. Nesse sentido, a palavra “tradição” carrega consigo a ideia referente àquilo que Onfray entende por historiografia dominante da filosofia. Em oposição a esta tradição, a *contra-filosofia* não pretende ser um fim, mas um início, uma forma de contribuir com a historiografia como disciplina no ensino da filosofia.

Duas historiografias com implicações ideológicas que se opõem, de um lado da história, a metafísica, o idealismo, o dualismo, os espiritualistas que segundo a *contra-Filosofia* onfrayana se colocam a favor do ideal ascético, do niilismo e dos além mundos que registra a história da filosofia tradicional. Do outro lado, encontra-se a filosofia materialista, utilitarista e hedonista de autores como Leucipo, Demócrito, Diógenes, Epicuro e Lucrécio a favor de uma física da metafísica. Assim, a história do ateísmo não se dá primeiramente com aqueles que negam Deus, mas na disputa entre o ideário platônico em oposição ao imanente, pressupostos estes que fundamentam a ateologia. Notar-se a partir do momento que a história da filosofia assume estes pressupostos, negar Deus ou afirmá-Lo torna-se consequência do postulado metafísico ou materialista.

Na trilha dos gregos antigos, o primeiro pensador é Demócrito de Abdera, que segundo Onfray foi vítima de uma injustiça histórica. O filósofo nasce por volta de 460 a.C. e morre em 356, contudo é classificado na historiografia tradicional como pré-socrático, uma incoerência tendo em vista que Demócrito tem sua produção filosófica coincidentemente no mesmo período que Platão (427-347 a.C.). Demócrito, como figura defensora do materialismo antigo “é relegado pelos idealistas que podem então fazer crer na onipotência de Platão e de seu clero” (ONFRAY, 2008, p. 51). Este estado de guerra entre o imanente e o transcendente fica evidente quando segundo relatos de Aristóxines, Platão planeja queimar as obras de Demócrito: “a história é contada por Aristóxines em suas Memórias Históricas, onde ficamos sabendo que Platão planejou coletar as obras de Demócrito

para queimá-las! Um filósofo autor de um auto-de-fé contra outro filósofo” (ONFRAY, 2008, p. 54).

Ademais, ao eleger os átomos (nomos) e o vazio, Demócrito destitui os céus de poderes, abre espaço para imanência, ao passo que Platão ensina as ideias, instrui a se desviar do sensível em busca da verdade eterna inteligível.

Outro ponto importante para compreender o ateísmo materialista onfrayano e a compreensão de que Leucipo e Demócrito estão propondo à leitura da realidade por meios dessacralizados, é a de que não há princípio que nos ligue ao além-mundos, ao contrário, a alma morre ao mesmo tempo que o corpo, pois se constituem de átomos. Dada a razão de uma única existência, a filosofia atomista “deixa o campo livre para que os homens construam seu destino na terra. Informados de que não devem temer os deuses, nem a morte.” (ONFRAY, 2008, p. 65)

Da mesma forma, o sofisma tem importante contribuição para compreender o ateísmo. Sem verdades transcendentais, relativistas pragmáticos afirmam que o conhecimento restringe-se às percepções humanas. Na compreensão onfrayana, Platão e os sofistas eram inimigos, “inimigos, de fato, é o termo que convém...” (ONFRAY, 2008, p. 86). Sobre esta relação de hostilidade entre os sofistas e Platão, Michel Onfray elucida alguns pontos que colocam os sofistas em constante oposição ao platonismo do período antigo. A condição econômica dos sofistas não era tão abastada quanto a de Platão, o que leva Platão a criticar os sofistas a cobrar por suas exposições. Acerca da verdade, os sofistas, especialmente Protágoras (492-422 a.C.) defende o homem como medida de todas as coisas, entretanto Platão objeta: “não é o homem a medida de todas as coisas, mas sim Deus.” (REBOUL. 2004, Introdução).

Onfray também escreve que o desprezo pelo sofistas por parte de Platão está relacionado com sua condição aristocrática, pois Platão passa a desaprovar a postura sofistas de cobrar pelas lições de eloquência e filosofia. Assim, cabe descrever a visão onfrayana:

Não se deve esquecer a extração aristocrática de Platão, ela explica muita coisa, especialmente seu desprezo pelos sofistas que cobram por suas aulas. De fato, quase todos provem de uma classe média... Platão detesta a mediação do salário, como todos os indivíduos bastante afortunados para permitirem-se desprezar a trivialidade do dinheiro. Platão não gosta dos pobres obrigados a trabalhar; tampouco aprecia os filósofos que aceitam

fazer contato com o público a fim de lhe dar meios para se formar verbalmente e intelectualmente, (...) permitindo-lhes visar o acesso às funções dos cargos da democracia grega. (ONFRAY, 2008, p. 86,87)

Observa-se na citação acima alguns elementos que se tornam recorrente nas argumentações de Onfray, a insubordinação em forma de crítica ao sistema tradicional de educação e política (grega), o compromisso deste sistema filosófico com o transcendente (platônico) e o domínio da aristocracia sobre a política e conseqüentemente, a educação. Vale atentar também para o fato de que Onfray vem se dedicando a combater tais modelos, estes que se colocam a favor da política aristocrata, reforçam a episteme cristã e enclausuram a filosofia em um molde socrático¹⁵. Deste modo, a postura sofista vem contribuir com a proposta onfrayana no sentido de se colocar em oposição ao ideário platônico de dominação filosófica e política.

O filósofo francês Olivier Reboul concorda em parte, entende que os sofistas tiveram uma importância relevante na educação da cultura grega, entretanto os valores cobrados, não mencionado por Onfray, estavam longe de serem populares, o que pode ter levado Platão a criticar a postura sofista.

Górgias merece a denominação de sofista. Como todos os outros - Pitágoras, Pródico, Trasímaco, Hípias, Crítias, etc. -, ele foi professor; dava de cidade em cidade lições de eloquência e de filosofia, cobrando a cada uma delas o fabuloso salário de cem minas. Digamos que por um dia de trabalho ele recebia o salário diário de dez mil operários! O mesmo acontecerá com Protágoras. Na realidade, esse ensino preenchia uma necessidade, pois até então os gregos só recebiam uma formação elementar, sem nada de parecido com um ensino superior ou mesmo secundário. (REBOUL, 2004, p. 31)

Evidentemente, o universo sofista é um lugar sem verdades transcendentais, esvaziado da capacidade criativa do mundo das ideias, distante da realidade objetiva. Os sofistas criaram a retórica como arte da persuasão, postularam a verdade enquanto parte do acordo entre interlocutores. Por este motivo, a filosofia sofista é legitimada por Onfray no que tange a negar a episteme transcendente.

¹⁵ Platão não gosta dos pobres obrigados a trabalhar; tampouco aprecia os filósofos que aceitam fazer contato com o público a fim de lhe dar meios para se formar verbalmente e intelectualmente. *Contra-história da filosofia*, p. 87.

A escola cirenaica e cínica registram duas categorias importantes no que tange à compreensão do ateísmo proposto por Onfray. Estas têm em comum o antiplatonismo e o comportamento contestador de Diógenes. “O inimigo comum continua sendo Patão” (2008, p. 130), afirma Onfray. O Cirenaico Teodoro¹⁶ alegava-se ateu, entendia que o sentido da vida estava no estado de alegria. Para o filósofo norte-americano David Keyt (2013), Diógenes, o cínico, é uma figura importante quando se trata de buscar as raízes do anarquismo.

Diógenes opunha-se à toda forma de autoridade com suas atitudes provocativas. Keyt esclarece: “As ideias são de uma veia anarquista, em que um verdadeiro anarquismo está implícito em alguns dos ditos atribuídos a ‘Sócrates enlouqueceu’”¹⁷ (1996, p. 135). Diógenes fala contra a alma, reafirma o corpo, considera-se liberto, um *escultor de si mesmo*¹⁸. Estes três pontos são consoantes ao ateísmo onfrayano.

No que diz respeito a Epicuro (341-270 a.C.), sabe-se que este funda sua escola localizada na periferia de Atenas. Em meio a um período de político decadente, o Jardim de Epicuro surge enquanto proposta filosófica que tem por objetivo alcançar a felicidade por meio da conciliação entre o homem e a natureza, por meio do afastamento de tudo aquilo que traz perturbações ao espírito, tal como a dor e as preocupações. Quanto ao ateísmo epicureu, Onfray aponta o seguinte critério:

Habitualmente, o ateísmo define a pura e simples negação dos deuses ou de Deus, até mesmo a afirmação de sua inexistência. No caso de Epicuro, ao contrário do que os guardiões do templo universitário ensinam, seria possível falar em um *ateísmo tranquilo*. A expressão se encontra em *Périclès et Verdi*¹⁹, de Giles Deleuze, e caracteriza-se um pensamento no qual a questão dos deuses deixou de constituir problema. Ao contrário do ateísmo intranquilo de alguns – Sade ou Bastille, por exemplo, cujos insultos exagerados ao céu denunciam o quanto ainda são piedosos, amarrados pelas forças religiosas e coagidos pelos esquemas crentes, o ateísmo tranquilo desdenha da existência dos deuses. (2008, p. 189)

¹⁶ Viveu em 340 - 250 a.C. The Cambridge History of Hellenistic Philosophy, página 52. Cambridge, 1999.

¹⁷ "ideas are in an anarchistic vein, and that a full-fledged anarchism is implied by some of the sayings attributed to that "Socrates gone mad" (Diogenes Laertius, hereafter D.L., VI.54) Diogenes of Sinope

¹⁸ Expressão utilizada por Onfray para reafirmar a ética libertária. O termo foi mencionado na obra Contra-história da filosofia, 2008, p. 136. O termo também é discutido na obra Escultura de si, 1995, Rocco, Rio de Janeiro.

¹⁹ Gilles Deleuze. Périclès et Verdi La philosophie de François Châtelet, 1988.

Cabe aqui identificar a existência de dois tipos de ateísmos, o *ateísmo tranquilo* trata-se de não considerar a relação deus(es) e homem(ens), este tipo de ateísmo entende que os deuses são indiferentes aos humanos. Há ainda o segundo tipo classificado como *ateísmo intranquilo*, ou seja, aquele que se coloca como opositor a qualquer crença nos deuses. Onfray coloca na categoria dos ateus inquietos, visto que justifica a construção do que este chama de *ateísmo ateu*. Convém notar que o projeto onfrayano tem como inspiração a já mencionada escola epicurista de filosofia:

Ora, os filósofos da antiguidade não tinham nem o desejo demagógico nem a inclinação sectária, mas a intenção de democratizar a filosofia: em outras palavras, não descer a Filosofia até o público, mas elevar o público até a Filosofia. Isso é o que meus vinte amigos e eu mesmo fizemos nesses dez anos na Universidade Popular de Caen, na Normandia(...). Nosso modelo não é nem a Sorbonne nem o Collège de France, mas o Jardim de Epicuro, onde a amizade é a lei, onde se ensina um modo de viver, envelhecer, amar, partilhar, sofrer e morrer. A instituição confisca a Filosofia para selecionar as pretensas elites que reproduzirão o sistema, a universidade popular convida cada um a se colocar no centro de si para planejar a condução de uma vida filosófica.²⁰ (ONFRAY, 2012)

Assim, a democratização da educação tem um ponto de convergência com a história do materialismo, ao passo que o epicurismo procurou libertar os homens de seus medos, intenta contra a religião e afirma a autoconsciência como âmago de sua filosofia. Nota-se também que a contra-história da filosofia proposta por Michel Onfray enfatiza a categoria materialista, pois, como já descrito anteriormente, o transcendente deve ser posto de lado a medida que a contra-história é contada do ponto de vista materialista. A religião desce dos céus para assumir um reinado na terra, com responsabilidades humanas sobre a liberdade, sobre a vida e a morte. Entretanto, o céu não se materializa no jardim e o paraíso grego proposto pela filosofia epicurista ainda se projeta como proposta.

Na obra *Contra-História da Filosofia* encontra-se as seguintes palavras: “Diógenes anuncia a possibilidade de uma utopia epicurista uma espécie de Jardim ampliado ao universal...” (ONFRAY, 2008, p. 293). Neste projeto estão presentes o

²⁰Entrevista vinculada na Revista Filosofia. Por Matheus Moura, tradução Joana Peixoto e Júlio César dos Santos

antiplatonismo bem como a afirmação do mundo sensível enquanto fenômeno objetivo, dado que para Epicuro os sentidos são vias para o que é verdadeiro, uma fonte para buscar o saber.

Onfray destaca ainda a importância de Lucrecio, um filósofo pouco recomendável para um cristão, em virtude da ausência de todo o esquema transcendente, a saber, a criação e o fim do mundo, a providência divina e a alma imortal, “teses anticristãs intempestivas que podem servir perigosamente à constituição de uma filosofia alternativa à dos vendedores de ilusão católicas.” (ONFRAY, 2008, p. 251).

Assim, a medida que a contra-história da Filosofia é contada, estabelece-se o fundamento do ateísmo proposto pelo autor francês. Dentro desta ordem de ideias, Lucrecio ensina o desencantamento do mundo por meio da razão racional, se prende à realidade descritiva do mundo, pois entende que o conhecimento passa por eles, contudo, não se limita a eles, por isso se deve valorizar a reflexão e a dedução. Onfray ressalta, “Partir do que ensinam a visão, a audição, o olfato, o tato, o paladar, sim, mas chegar às certezas por meio de uma operação intelectual de dedução” (ONFRAY, 2008, p. 255).

Vale lembrar que a filosofia onfrayana antiplatônica, ou melhor dizendo, à toda filosofia que afirma o corpo, o material (perverso, enganoso) em oposição à alma transcendente (boa virtuosa), sendo estas duas realidades que se contrapõem, a fim de afirmar a uma a verdade ou a busca dela no mundo das ideias. Simultaneamente, a verdade da terra, do imanente, se opõe a verdade dos céus, transcendentais, assim o mundo real não é encarado como o verdadeiro, adota-se a afirmação do transcendente que invoca um idealismo, a perfeição. Dizer não ao platonismo e a transcendência, configura-se em sim para a vida, a afirmação da vida material.

A ontologia materialista em oposição à “esperança do além”²¹. Nesse sentido, a história do ateísmo tem uma missão, um objetivo, o de afastar as fábulas, os mitos, as ficções que “atrapalham a inteligência e o avanço da verdadeira filosofia – a que produz a sabedoria, a paz consigo mesmo, com os outros e com o mundo.” (ONFRAY, 2008, p. 254).

²¹ Termo utilizado por Onfray para se referir a filosofia platônica do mundo inteligível. Contra-história da Filosofia, 2008, p. 253

2.2 Cristianismo Hedonista

Dada às condições apresentadas no item anterior, fica evidenciado que em seu primeiro momento, a história do ateísmo se constrói no campo da episteme²², de modo que ao propor *o fato ateu*²³, Onfray vem resgatando a história do materialismo ao passo que afirma uma ética sem abnegações ou sansões transcendentais.

Nos próximos parágrafos evidencia-se a leitura onfrayana acerca do cristianismo hedonista. Desse modo, o presente texto vem descrever o cristianismo hedonista e suas variações dentro da proposta onfrayana, ou seja, a partir da *contra-Filosofia*. A abordagem acerca do cristianismo epicurista de Valla, Erasmo e Montaigne são importantes para compreensão da história do ateísmo, pois segundo Onfray a história registra que “estes autores foram encarados como ímpios, ateus.”²⁴

Ao escrever sobre Lorenzo Valla Onfray declara que pela primeira vez na história tem-se um modelo de “cristianismo epicurista” (2008b, p.139), Onfray afirma também que a história da filosofia evidentemente não trouxe esta classificação ao tratar acerca do modelo filosófico do autor romano.

Para saber como é esse cristianismo epicurista – uma oportunidade perdida pela igreja de tirar o cristianismo de sua rotina mortífera...-, leiamos Lorenzo Valla realmente. A História da Filosofia oficial não lê, limita-se a retomar as informações, muitas vezes erradas, dadas pelos mais antigos historiadores. Por não ler os textos, por causa de sua escrita incestuosa que retoma as ficções dadas pelos precedentes, Lorenzo Valla é encerrado nos mal-entendidos: ou transformado em libertino dissimulado, em ateu que age mascarado, em cínico vulgar que não crê em Deus (...). (ONFRAY, 2008b, p.140)

O termo “epicurismo-cristão” também é mencionado pela trabalho da pesquisadora Ana Letícia Adami Batista (2010, p. 12) que consistia na tradução da

²² Equivalente a episteme: *l'insieme dei presupposti teorici della conoscenza scientifica e filosofica di una data epoca o autore* (FOUCAULT, 2004). Do dicionário eletrônico Caldas Aulete: “Segundo Foucault, episteme é o paradigma comum aos diversos saberes humanos em uma determinada época que, por se embasarem numa mesma estrutura, compartilham as mesmas características gerais, independentemente de suas diferenças específicas”.

²³ “fait athée”. Termo utilizado por Onfray para apresentar o junto de ideias que fundamentam o ateísmo militante pós-moderno. Tratado de Ateologia, 2005, p. 69.

²⁴ Paráfrase da citação de Onfray em *Traité d'Athéologie*, 2005, p. 57.

obra *De Voluptate* de Lorenzo Valla (1407-1457). A autora concorda com Michel Onfray quando este afirma que Valla em sua obra *De Voluptate* (Sobre o Prazer) desenvolve a defesa de seu epicurismo-cristão. Ela também esclarece que Valla tinha como proposta determinar qual era o “verdadeiro bem” segundo a doutrina cristã.

O diálogo, como é sabido até o momento, foi modificado pelo autor quatro vezes ao longo da vida. No entanto, a estrutura e proposta iniciais, desde a primeira versão, foram mantidas. Dividido em três livros, Valla pretende traçar um debate entre os conceitos de *voluptas* e *honestas* a partir das definições segundo as escolas clássicas epicurista e estoíca. No livro I, Valla expõe as ideias propostas pelos estoícos; no livro II, as de seus oponentes epicuristas; e, por fim, no livro III, conclui o debate com um discurso conforme os preceitos da religião cristã. (BATISTA, 2010, p.11)

A palavra final é concedida então a Niccolò Niccoli, que encerra a controvérsia com o pronunciamento de um discurso em nome da cristandade contra os estoícos e em defesa de um epicurismo-cristão, inaugurado por Valla neste diálogo. Antepondo-se às ideias vulgarmente aceitas e posicionando-se a favor da corrente filosófica minoritária na época – a escola epicurista –, era esperado que a obra não agradasse à boa parte dos eruditos, principalmente aos canonistas e à Igreja. (BATISTA, 2010, p.12, 13)

Em suma, Lorenzo assume o cristianismo quando defende os elementos básicos da fé cristã, a saber a fé redentora em Jesus Cristo, a caridade e a autoridade dos ensinamentos bíblicos; Batista elucida “o humanismo de um cristão que se reporta aos ensinamentos da Bíblia, de Paulo e dos Pais da Igreja” (2010, p. 23), Onfray destaca: “Lorenzo Valla crê em Deus, é exatamente o dos cristãos” (2008b, p. 141). Sobre o epicurismo, o autor francês explica que Valla “não retém o prazer definido como ausência de perturbação, a ataraxia mas o utilitarismo²⁵, a teoria do interesse” (ONFRAY, 2008b, p. 159), deste modo a ética se instala por meio da necessidade do homem buscar a Deus, pois a felicidade (verdadeiro bem) é resultado da comunhão do homem com o Divino. Em síntese, a filosofia de Valla “é cristã e epicurista ao afirmar que

²⁵ Embora se possa dizer que a identificação do bom como útil remonta a Epicuro (v.ÉTICA), do ponto de vista histórico, o *Utilitarismo* é uma corrente do pensamento ético, político e econômico inglês dos séculos XVII I e XIX (ABBAGNANO, 2003, p.986).

a religião pode compor com o prazer, que as duas instâncias não são contraditórias, ou melhor, que elas se compõem e se completam” (ONFRAY, 2008b, p. 159).

Ao chamar atenção para Erasmo de Rotterdam, Onfray dedica vinte e uma páginas ao autor renascentista, afirma que a história da Filosofia não foi justa para com a produção filosófica erasmiana, a exemplo sua *Magnum opus Elogio da Loucura*(1511). A *Contra História da Filosofia* registra “O *Elogio da Loucura* é conhecido, mas não lido. A imensa fama desse livro faz com que a maioria fale nele sem o ter de fato estudado” (ONFRAY, 2008b, p. 171).

Existe, todavia, dois pontos para os quais a filosofia de Rotterdam aponta. O primeiro se estabelece concernente ao cristianismo que afirma Cristo como a verdade redentora da humanidade, entretanto Erasmo de Rotterdam ataca a igreja e o clero, os acusa de travestir a verdade do evangelho, “critica a adoração da relíquias, a prática do jejum e da perseguição, o culto aos santos e à Virgem” (ONFRAY, 2008b, p. 173), condena a idolatria e o fundamentalismo que se apoia na erudição teológica dos líderes da igreja. Para Nassaro²⁶:

Esta resistência e ataque de Erasmo contra os extremismos pode ser entendida hoje ingenuamente como luta contra a intolerância, o fundamentalismo, o facciosismo, o separatismo, o fanatismo sectarista e dogmatismo partidário etc.” (2010, p. 207).

A filosofia erasmiana ressalta a importância de “reencontrar a fé original”²⁷, o autor de *Elogio da Loucura*(2003) justifica: Esses fundadores da religião cristã adoravam a Deus, porém a sua adoração apoiava-se neste princípio essencial do Evangelho: “Deus é um espírito puro e é necessário adorá-lo em espírito e verdade.”. (ROTTERDAM, p.117).

No que diz respeito a interpretação onfrayana, Erasmo de Rotterdam “era mais cristão até do que os oficiais do cristianismo”²⁸, contudo, há um segundo elemento, o epicurismo. Para elucidar a relação entre o epicurismo e o cristianismo Onfray recorre a “*Colóquio – o último dos cinquenta e seis – intitulado O Epicurista*(1533), em que Erasmo explica claramente sua relação com Epicuro: o auge do despojamento epicurista é o cristianismo.” (ONFRAY, 2008b, p. 172).

²⁶ Em sua tese de doutorado em Filosofia.

²⁷ Termo utilizado por Onfray, 2008b, p. 173.

²⁸ Termo utilizado por Onfray, 2008b, p. 171.

Nassaro em sua tese de doutorado chama a atenção para a forma com que Erasmo relaciona a filosofia de Epicuro com o cristianismo.

Erasmo também se permite publicar uma série de *Colloquia* que trata de temas associados ao epicurismo como revelam seus títulos: *Le banquet profanee*, *Le banquet disparatee* especialmente o *Le banquet religieux* e *L'Épicurien*, este o último de seus *Colloquia* nos quais, ao epicurismo vulgar que toma todos os prazeres como bons, é contraposto o epicurismo autêntico como uma escola pagã que possui afinidades com o cristianismo ao considerar a brevidade da vida, a conveniência da moderação e a opção pela busca dos prazeres do espírito.(2010, p. 112)

Nota-se que tal relação se estabelece a partir da prática da *ataraxia*, o cristianismo proposto por Rotterdam não vê na dor e no sofrimento uma forma de se aproximar de Deus ou espiar pecados, mas busca afastá-los por meio de sua determinação e fé. A Contra-história da Filosofia não deixa dúvidas acerca das convicções onfrayanas:

O modelo de perfeito epicurista? O franciscano desprovido de tudo, que renunciou ao que faz a maioria acorrer... Não tem mulher, não tem dinheiro, não tem *vontade de poder* a não ser sobre si mesmo. O cristão conhece a verdadeira volúpia pois está bem armado para enfrentar a negatividade consubstancial a toda a existência: a morte, a doença, o sofrimento, a velhice, as calamidades, os perigos, as catástrofes, as guerras. O Verdadeiro cristão não ignora que as provações surgem para provar sua fé. (...) Paciente, enfrenta com serenidade as provação que sobrevêm na existência pois ela não têm nenhuma importância diante do que, post-mortem, espera pelo cristão que praticou dentro do espírito de Cristo. Fortalecido pela esperança de uma volúpia eterna adquirida ao restringir-se a imitação, o cristão se rejubila com uma vida terrestre, condição para obtê-la. (ONFRAY, 2008b, p. 175)

Epicuristas, eles bebem e comem alimentos terrestres, bons e verdadeiros cristãos, leem textos da Bíblia e os comentam cada uma por sua vez, em torno da mesa. Cristãos epicuristas, não deixam de lado nem os prazeres do corpo nem os do espírito e não privilegiam nenhum dos dois; melhor: consideram que toda satisfação aqui induz um prazer ali. Saborear culinárias refinadas, conversar entre amigos, ter o prazer de uma passeio no Jardim, contando que essa alegria não contrarie os princípios evangélicos, é desfrutar a vida, portanto agradar a Deus que a fez para que seja aproveitada. (ONFRAY, 2008b, p. 185)

A explicitação de Onfray no que tange ao cristianismo epicurista, é que a filosofia erasmiana apresenta um “cristianismo jubiloso, alegre, hedonista, que

celebra a vida”²⁹, não há dissociação entre os dois mundos, por efeito: uma simbiose que busca a saúde espiritual e corporal. A correlação entre a episteme imanente e transcendente é fundamental para o cristianismo epicurista erasmiano.

Vale ressaltar que Onfray busca recuperar e denotar certa importância aos personagens que elegem o prazer como ética e princípio filosófico. Lorenzo Valla, Erasmo de Rotterdam e Montaigne são exemplos de pensadores de Livre-Espírito, que dizem “não” ao ascetismo cristão e proclamam um grande “sim” à vida.

João da Mata (2007) consoante a este argumento advoga:

Outra corrente hedonista pela qual Michel Onfray interessa-se são os Irmãos e Irmãs do Livre-Espírito, que dizem Não ao ascetismo cristão e proclamam um grande Sim ao júbilo corporal. Novamente o corpo torna-se instrumento de salvação e os gozos da carne são celebrados em sentido contrário à moral cristã: o que importa é permitir o prazer puro e simples. (2007, p. 28.)

Convém também apresentar algumas das contribuições de Montaigne(1533-1592). Em *Contra-História da Filosofia* (2008), o autor dedica mais de cem páginas para apresentar algumas características deste pensador de Livre-Espírito. Primeiro, Michel Onfray escreve que o filósofo se declarava católico, “A vida de Montaigne é católica: por exemplo, aos vinte e nove anos, sem ser obrigado por nada nem ninguém, ele presta juramento de fidelidade à religião católica no parlamento de Paris” (2008, p. 225), “nada de monismo, nada de materialismo, nada de politeísmo, pois Montaigne é ...cristão.” (ONFRAY, 2008, p. 223).

Com quarenta e quatro anos, Montaigne participou da peregrinação a Notre Dame de Lorette, celebrou festas religiosas, participando da Eucaristia (ONFRAY, 2008, p. 226). Dono de um estilo autobiográfico de filosofar que valoriza a religião no campo da imanência. Nas palavras do autor de *Contra-História da Filosofia*; “Daí uma religião da imanência. Toda a filosofia de Montaigne resume-se a um elogio do mundo real.” (ONFRAY, 2008b, p. 273). Ser cristão para o autor de *Ensaio* (1580) “é ser justo, caridoso e bom. Aí está. Fora isso, não há necessidade de acreditar que o corpo é detestável” (ONFRAY, 2008b, p. 231). De Epicuro à serenidade, a busca pela ausência de perturbação, compreende que a moral epicurista deve ser colocada acima da moral cristã, pois a moralidade ensinada pelo

²⁹ *Contra-História da Filosofia* Vol. 2, 2008, p. 176.

cristianismo se coloca no campo do ascetismo. “Cristão, certamente, mas epicurista antes de tudo: ou seja, cioso de uma liberdade de pensar, de escrever, de ler. De viver.” (ONFRAY, 2008, p. 231).

Montaigne acredita que o desejo está em toda parte e "o prazer é o nosso objetivo.", mas ele percebe que este desejo se configura na religião, principalmente o catolicismo, o que impede o desejo de se transformar em prazer. Uma vez que, a culpa da primeira mulher, força o cristão a desistir de todos os prazeres para expiar esse pecado, ganhar a salvação ou liberar a alma do corpo. Onfray declara, “Muito antes de Feuerbach, Montaigne afirma que o homem representa Deus à sua imagem, incapaz de pensar a não ser a partir de si mesmo...” (ONFRAY, 2008, p. 227). Ele dispensa Deus delicadamente, em prol de uma dialética da carne. Escreve sobre a alma, contudo nitidamente unida a matéria. Michel Onfray afirma que:

Sem negar claramente a existência da alma imaterial, mas associando intensamente sua existência a um corpo inseparável, Montaigne descarta os delírios concernentes a uma vida depois da morte, um mundo para além do mundo, qualquer destino post-mortem. Se algo ocorre, diz ele, certamente não tendo é por base a vida antes da morte. (ONFRAY, 2008b, p. 216).

Outro ponto que se observa é a negação da pessoalidade de Deus no que diz respeito aos acontecimentos no mundo. Montaigne argumenta contra a providência divina, rejeita o Deus antropomórfico cristão, que vê, ouve e sabe tudo o que acontece na vida dos seres humanos. Desta forma, reabilita a teoria de Epicuro afirmando que os deuses são indiferentes aos destino dos homens. De maneira semelhante a Epicuro, o autor de *Ensaíos*(1580) foi rotulado de ateu. Onfray enfatiza:

Montaigne cria o corpo ateu - antes do surgimento de epiteto um século depois...Ateu não porque nega Deus com a vontade obstinada dos que afirmam sua existência, mas à maneira epicurista: com uma relativa indiferença. Deus ou deuses existirem ou não é algo que não tem nenhum tipo de importância... Se eles existem, não se preocupam nem um pouco com os homens, com seu destino e com os detalhes do seu cotidiano; se existem, o assunto está resolvido. (ONFRAY, 2008b, p. 216).

Onfray prossegue afirmando que Montaigne encara do problema da morte à luz da filosofia epicurista, pois a morte é para ser domada, não para semear o medo, mas para afirmar a vida vivida plenamente. “Trata-se menos de morrer em vida – a que as religiões convidam – acreditando falsamente dominar a morte, do que viver a vida plenamente” (ONFRAY, 2008, p. 254). A verdade acerca da filosofia de Montaigne? “O hedonismo...”; declaro o filósofo.

Pode-se perceber agora com maior clareza que Michel Onfray procura na História da Filosofia autores que harmonizam-se com sua proposta filosófica, o ateísmo hedonista. Pensadores de Livre Espírito que defendem uma filosofia de valorização do imanente, da vida enquanto volúpia, a favor da liberdade que exalte a proposta anarquista onfrayana.

Nota-se que entre o *Elogio da Loucura* (1511) de Rotterdam e a *Política do Rebelde*(1999) reside o mesmo elogio a loucura de resistência a autoridade, “para os loucos, cujo corpo também já não obedece mais domesticamente as prescrições sociais” (ONFRAY, p. 66). Entretanto, Michel Onfray não faz questão de apresentar os argumentos descritos nas obras de Rotterdam que estão de acordo com a filosofia platônica. Segundo Onfray, ele não quer cair em uma mesmice, então, propõe “ler” estes autores (Valla, Rotterdam e Montaigne) de maneira a expor elementos³⁰ deixados na sombra da história da filosofia.

No que se refere ao cristianismo hedonista, Onfray registra em vários momentos na filosofia de Lorenzo Valla(1407-1457), Erasmo de Rotterdam(1469-1536) e Montaigne(1533-1592), uma união entre o saber acerca do divino e o conhecimento humano correlacionados a mesma natureza vital; de modo que o saber sobre a divindade serve para valorizar a existência, a vida, a fim de produzir o prazer por estar vivo e poder disfrutar desta existência, por efeito, há o cristianismo jubiloso, alegre, que se opõe ao ascetismo.

Por último convém notar que Michel Onfray gradativamente apresenta uma *Contra-História da Filosofia* assumindo o hedonismo enquanto norte para assuntos humanos em relação aos divinos; o *corpo ateu*³¹ e o hedonismo enquanto

³⁰ Hedonismo, epicurismo, elementos de rebeldia e afirmação do imanente.

³¹ A negação da relevância divina em relação aos seres humanos. Citado por Michel Onfray, 2008b, p. 216.

evolução do pensamento³² de um cristão declarado são assimilados como descobertas que se objetivam em reafirmar a volúpia da vida.

2.3 As luzes do alvorecer

Satan, Lucifer, le porteur de clarté – le philosophe emblématique des Lumières.

Michel Onfray³³

O Iluminismo foi um movimento intelectual que emerge no século XVIII, combate-se o obscurantismo; o poder da igreja, o absolutismo e mistificação das relações sociais e políticas.

Kant³⁴ declara que as luzes do esclarecimento significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. Onfray argumenta que a história da filosofia oficial privilegiou o movimento da filosofia transcendente, deísta. Descartes, Rousseau, Kant são exemplos emblemáticos da expressão deísta filosófica, contudo existem os representantes das *luzes radicais*³⁵, àqueles que se posicionam contra a religião, não reconhecem Deus ou a autoridade da igreja. Cabe então questionar em que sentido o neoateísmo onfrayano se distingue do ateísmo moderno iluminista?

Para Onfray(2005) as luzes devem iluminar ainda mais, não deístas, sem os limites da moral transcendente proposta por Kant. Deus, a liberdade e existência da alma; os “três pilares de toda religião”³⁶ não devem limitar a razão. O autor deixa isso bem claro ao tecer suas críticas acerca de Voltaire, Montesquieu, Rousseau, D'Alembert e Kant.

³² “O trágico constitui um primeiro momento no pensamento de Montaigne: uma vida de acesso que conduz ao segundo momento, a verdade de sua filosofia, sua conclusão, seu coroamento: o Hedonismo...” Michel Onfray, 2008b, p. 254.

³³ *Traité d'Atheologie*. “Satã, Lúcifer, o portador da claridade – o filósofo emblemático das Luzes.” (ONFRAY, 2005, p.43. Tradução: Monica Stahel)

³⁴ Immanuel Kant, *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?*, 1783.

³⁵ Termo adotado para indicar os pensadores iluministas que negavam o deísmo, o cristianismo e a autoridade da igreja. *Contra-História da Filosofia* Volume IV, p. 21, 2012.

³⁶ Kant can then postulate (why did he need so many pages in order merely to postulate...) God, the soul's immortality, and the existence of free will, three pillars (along with the death drive) of all religion. (ONFRAY, *In Defense of Atheism*, 2007, Introduction)

Sou a favor de Luzes mais vivas, mais francas, nitidamente mais audaciosas. Pois, sob a aparente diversidade, toda essa nata comunga no deísmo. E todos combatem o ateísmo com força, ao que esses pensadores seletos acrescentam um igual e soberano desprezo pelo materialismo e pelo sensualismo - opções filosóficas constitutivas de uma ala esquerda das Luzes e de um polo de radicalismo esquecido mas hoje suscetível de ser solicitado. Aquele que me agrada." (ONFRAY, 2005, p. 32, tradução: Monica Stahel).

Ao mencionar a ala esquerda, Onfray aponta para os filósofos materialistas, defende como proposta a valorização do indivíduo, sua autonomia; contudo, não alicerçada na razão idealista, mas, comprometida com o sensualismo anticlerical e anticristã, a favor da vida, independente da vontade divina, a razão hedonista se propõe a construção de uma ética nominalista e libertária. O esclarecimento e a imanência da carne constituem uma relação simbiótica na qual a razão é utilizada como caixa de ferramentas a fim de tirar o homem de sua minoridade, fornecer ao indivíduo meios de se “esculpir”, assim, desenvolver o domínio de si mesmo, “fazer uso da razão em todas as esferas, sem exceção; não tomar por verdade o que vem do poder público. Projeto magnífico...” (ONFRAY, 2005, p. 32, tradução: Monica Stahel).

O *Traité d’Atheologie* (2005) faz duras críticas à Kant, afirma que este hesitou em seu projeto ao proibir o uso da razão dentro dos domínios da religião. Onfray é categórico, “Car comment permettre l’accès à l’âge adulte en interdisant l’usage de la raison dans le domaine religieux” (p.32). Diferente da leitura onfrayana não entendo que Kant esteja proibindo o uso da razão na esfera religiosa, mas, afirmando que o problema de Deus, alma e liberdade não concernem ao âmbito da razão. Nesta mesma direção aponta Kleberson Bresolin:

Seu intento é colocar cada qual em seu devido lugar em um sistema racional transcendental. Os problemas de Deus, alma e liberdade, contudo, são insolúveis e não concernem ao âmbito teórico da razão, gerando, nesse âmbito, mais confusão – antinomias – do que soluções. Esses conceitos não podem ser tidos como fenômenos, pois esse, para ser conhecido, precisa ser dado à sensibilidade. Ora, como ter experiência empírica de Deus, alma e liberdade? Isso, para o filósofo, é impossível. (2009, p. 84)

Vale lembrar que o século XVIII é um período de muitas transformações importantes principalmente no que tange à construção do materialismo ateu. Para Cassirer, em *A Filosofia do Iluminismo* (1994, p. 87), os seguidores de Newton

trouxeram para França a concepção da realidade “mecanicista” ou “materialista” que ganhou força na filosofia de Voltaire(1697-1778), Maupertuis(1698-1759), e D'Alembert(1717-1783). O autor esclarece que D'Alembert “não se desvia um milímetro sequer da linha metodológica traçada por Newton. Corta, cerce toda e qualquer questão que diga respeito à essência absoluta das coisas e seu fundamento metafísico.” (CASSIRER, 1994, p. 88).

Cassirer também destaca o empenho de filósofos como Voltaire em declarar guerra aberta contra a religião e sua pretensa verdade absoluta, contudo também esclarece que tal guerra contra a religião não se trata da religião em si mesma, mas, a institucionalizada pela igreja católica. Nesta mesma direção, Piva(2003) argumenta que “a polêmica antirreligiosa é o lado mais espetacular da ilustração francesa. Se não for, é, no mínimo, o seu aspecto mais marcante.” (p. 68), de modo que vai estabelecendo-se um ambiente mais propício àqueles que defendem um radicalismo contra toda a filosofia transcendente e religiosa, Onfray ora os nomeia de *Ultras da Filosofia*(2009, p. 193) ora *Ultra da Luzes*(2012, p. 34). Pessoalmente prefiro o termo *Ultras da Filosofia* (*ultras de la philosophie*) dada a proposta do autor em propor um tipo de filosofia que não está restrita a um período histórico.

Em sua obra *Contra História da Filosofia* (2012, p. 34-37), Onfray apresenta quatro elementos que emergem no iluminismo e por sua vez fundamentam sua proposta por uma real teoria da imanência³⁷, que segundo Michel Onfray podem ser compreendidas da seguinte maneira:

- 1) O ateísmo. Não há Deus³⁸ ou alma; a inteligência, *a priori* atéia, impede todo pensamento mágico, nega Deus e os valores decorrentes dEle. Abolir as referências teológicas, a fim de valorizar o espírito crítico, a razão, a liberdade, o prazer e a autonomia. “O ateísmo supõe a conjuração de toda transcendência. Sem omissão. Ele obriga igualmente a uma superação das aquisições cristãs” (ONFRAY, 2005, p. 79. Tradução: Monica Stahel). Deus é uma ficção, parte da fábula cristã, por este motivo deve ser desconstruído juntamente com seus correlatos

³⁷ Une réelle théorie de l'immanence. (ONFRAY, 2005, p. 35).

³⁸ *Pas de Dieu*. Termo grafado em *Traité d'Atheologie* (ONFRAY, 2005, p. 104).

ideológicos: a culpa, os ideais ascéticos, a desvalorização das mulheres, a celebração do além mundo, a provisão divina.

- 2) O materialismo. O mundo é o resultado de “causas redutíveis a processos materiais. No real tudo se reduz a mecânica das partículas.” (ONFRAY, 2012, p. 35). Os ultras da filosofia dão lugar às ciências naturais em detrimento da metafísica, por conseguinte o livre arbítrio, um dos postulados de Kant perde a validade, e é visto como uma ficção por parte dos filósofos que constituem a ala radical, a saber, Jean Meslier (1664 – 1729), La Mettrie (1709 - 1751) Helvétius (1715 - 1771), D'Holbach (1723 - 1789), Marquês de Sade (1740 - 1814). Assim a necessidade material governa tudo, o indivíduo e o universo. O Além mundo cede lugar ao imanente.
- 3) O hedonismo. O princípio pelo qual o homem deve se conduzir. Onfray(2012) explica que devemos nos orientar pela bússola do prazer, “procurar querer o que nos quer: amar o prazer para o qual tendemos, detestar o sofrimento” (p. 36). O ultras celebram a volúpia, reabilitam os desejos, as paixões, a alegria e a felicidade, alimenta-se do prazer jubilante.
- 4) A revolução. “A negação da ideias puras em favor de um mundo imanente; a negação do ideal ascético em prol de um mundo hedonista” (ONFRAY, 2012, p. 36). Neste aspecto, a proposta onfrayana busca revolucionar a filosofia e a política – “por um mundo mais justo” (p. 37), de modo que o conceito de “mais justo” está fundamentada na proposta de negação da transcendência, conseqüentemente da religião que para Onfray é a responsável pela negação da vida e da liberdade. Pensamento este defendido por Jean Meslier (1664 – 1729) que segundo Onfray (2009, p.18) declara, “A religião? Invenção dos homens para garantir o poder sobre seus semelhantes”. Nota-se que a “revolução” surge como efeito da postura materialista, hedonista e ateuista defendida por Onfray.

Há dois importantes trabalhos acadêmicos que desejo destacar, pois discutem especificamente o tema do ateísmo e sua construção durante o período iluminista. Paulo Jonas de Lima Piva(2003), que em algumas de suas análises descreve a relação existente entre a construção do conceito de ateísmo e o

materialismo. “Assim sendo, ateísmo e materialismo são, à primeira vista, conceitos muito próximos, o suficiente para cunharmos a expressão ‘materialismo ateu.’” (PIVA, 2003, p. 87).

Já a importância dos escritos de Pierre Bayle é analisado por Marcelo de Sant'Anna Alves Primo(2008), que aponta um fato importante no que tange ao significado de “ateísmo”, dado que o termo era utilizado no sentido pejorativo, depreciativo. Todavia, o autor “afirma que não é mais possível associar uma vida viciosa ao signo do ateísmo” (PRIMO, 2008, p. 141), de modo que para Bayle a “justa medida” sustenta a ação moral, não exclusiva da religião, pois o “para o ateu, a sua consciência julga se uma ação particular é boa ou má, tendo como parâmetro a razão e a moral; para o religioso, a sua consciência julgará se uma dada ação agrada ou desagrade à Deus.” (PRIMO, 2008, p. 74). Desta forma, a filosofia de Bayle é de grande relevância para compreensão do movimento de ruptura entre a moralidade e a religião, e serve para desassociar a ideia de libertinagem e desordem social moral ao conceito de ateísmo. Alves Primo reforça: “a representação da figura atea como imoral decorre da opinião infundada de quem em nada crê está sujeito a cometer todo tipo de ação má.” (PRIMO, 2008, p. 141).

De modo semelhante, Michel Onfray argumentou que a utilização do termo “ateísmo” serviu para adjetivar pejorativamente àqueles que não eram partidários da religião cristã oficializada, contudo deixa transparecer que este está relacionado com condição de liberdade individual³⁹. O autor é categórico: “todas essas contabilidades macabras atestam: o ateu, antes de qualificar o negador de Deus, serve para perseguir e condenar o pensamento do indivíduo liberto” (ONFRAY, 2005, p. 55, tradução: Monica Stahel).

Uma vez que a moral foi desassociada da religião, o indivíduo está livre para exercer aquilo que Bayle clama de “justa medida”, seja ela religiosa ou não. No que se refere à filosofia onfrayana, há uma relação direta entre a “justa medida” e o materialismo, na qual “o materialismo hedonista coloca-se claramente em defesa de uma justa medida” (DA MATA, 2007, p. 112), ou seja, interpreta o mundo através da razão, da reflexão e do prazer. É papel ao indivíduo esculpir a si mesmo, sair da

³⁹ Referente ao termo “l'individu affranchi”. (ONFRAY, *Traité d'Atheologie*, 2005, p. 55)

minoridade assumindo uma atitude libertária, conseqüentemente, *l'individu affranchi*⁴⁰.

2.3.1 Jean Meslier: Rumor à ateologia

Dentre os ultras da filosofia iluminista, o nome de Jean Meslier (1664–1729) se destaca, de família humilde, o autor foi um padre da província de Etrépigny, na região da Champagne. Os escritos deste homem só foram revelados após sua morte. Nascimento (1985, p. 71) escreve que o filósofo Voltaire foi um dos grandes responsáveis pela divulgação do textos escritos pelo clérigo, digo textos, pois Jean Meslier tem apenas uma obra dentre outras anotações escritas de próprio punho. O *Testamento* também é conhecida como *Memória dos Pensamentos e Sentimento de Jean Meslier* e foi escrita por volta de 1720, Onfray observa que “a história do verdadeiro ateísmo começa...”⁴¹ (ONFRAY, 2005, p. 60. Tradução: Monica Stahel) com esta paradoxal figura religiosa ateísta, “pois o padre Meslier é ateu, o primeiro a afirmar tão clara, nítida e radicalmente que Deus não existe, que a religião é uma impostura e que é preciso haver uma filosofia pós-cristã.” (ONFRAY, 2012, p. 46).

Onfray entende que a obra do padre de Etrépigny atua como uma “bomba de efeito retardado”, contra os poderes e efeitos da religião cristã: Deus, o Diabo, Jesus e o sacrifício pela humanidade, a religião católica, os clérigos e toda a doutrina religiosa são entendidos como ilusões, um engado fruto do imaginário⁴². O autor *Le Testament* escreve:

Por isso, evidentemente, conclui que tais instituições e sacrifícios são falsamente atribuída à Deus, e que as supostas revelações que são atribuídas à elas, são falsas revelações, ou seja, são erros, ilusões, mentiras e enganos: o que se vê claramente com estes tipos de sacrifícios, não mais que todos os outros é apenas a instituição e a invenção dos homens. (MESLIER, 2013, p. 207, tradução minha)

⁴⁰ Indivíduo liberto.

⁴¹ L'histoire de l'athéisme véritable commence... (ONFRAY, M. Traité d'athéologie, p. 60)

⁴² D'où il s'ensuit évidemment, que institution de tels sacrifices est faussement attribuée à un Dieu, et que les prétendues révélations qu'ils lui attribuent, ne sont que de fausses révélations, c'est à dire qu'elles ne sont qu' des erreurs et des illusions, ou des mensonges et des impostures : ce qui fait manifestement voir que ces sortes de sacrifices, non plus que tous les autres ne sont que de l'institution et de l'invention des hommes. (Meslier, J. Le Testament de Jean Meslier, 2013)

Além do ataque direto à igreja católica ao afirmar que as doutrinas ensinadas pela instituição não passam de manifestações do imaginário, Meslier (2013, p. 33) também ataca as bases da metafísica religiosa, estabelece as referências da exegese ateia ao propor a interpretação do ideário cristão por meio de “Preuve de la vanité et de la fausseté des religions, qu’elles ne sont que des inventions humaines”⁴³. Meslier desenvolve um método similar ao de Descartes em dois pontos; o primeiro trata-se de “um tipo de *cogito* tautológico: eu sou não posso duvidar de ser” (ONFRAY, 2012, p. 77), a fim de justificar a existência do ser contrapondo-se à qualquer divindade, contudo nas referências que analisei não encontrei qualquer tipo de explicação sobre a natureza que se define por “ser”. O próprio Onfray admite que não há uma explicação para tal termo. “O padre não entra nos detalhes constitutivos da matéria que define o ser. Não encontramos nele uma física dos átomos, uma descrição das partículas” (ONFRAY, 2012, p. 77). Cabe perguntar então por que Michel Onfray tende a aceitar um argumento pouco fundamentado na razão, todavia este marco será discutido no próximo capítulo.

A segunda semelhança para com a filosofia cartesiana está na forma de invalidar uma ideia, neste caso a religião cristã; assim “se provarmos a falsidade originária de uma religião, estaremos provando a falsidade de todas elas.” (NASCIMENTO, 1985, p. 72). Cabe lembrar que apesar de adotar o princípio cartesiano para tentar provar a vanidade da religião, “Meslier opõe-se frontalmente a Descartes, o qual concebe o homem como uma substância composta, mais precisamente como uma união substancial constituída de matéria e espírito” (PIVA, 2006, p. 103). Em *Contra-História da Filosofia* (2012, p. 79), o autor cita o fato de o padre ateu adotar alguns princípios cartesianos para tentar construir sua justificativa pelo ateísmo materialista radical, “a matéria pensa, logo a matéria existe”, neste sentido a matéria não é a *res extensa* de Descartes, pois esta pensa, reflete, deseja e ama.

A religião e a existência de Deus são interpretadas a partir do materialismo, de modo que a estes são entendidos enquanto produtos do desejo humano. Posteriormente esta questão foi discutida e analisada pela ala direita da Filosofia, a saber; Kant(1793) em *A Religião nos Limites da Simples Razão*,

⁴³“Prova da vanidade e falsidade da religião, estas apenas invenções humanas” Jean Meslier, 2013, p. 33, tradução nossa.

Hegel(1807) *Fenomenologia do Espírito*, para o qual a filosofia hegeliana entende a experiência religiosa enquanto experiência com Deus. Já na ala esquerda vale destacar as reflexões de Ludwig Feuerbach(1841) em *A Essência do Cristianismo*, na qual o filósofo propõe uma análise da imagem de Deus enquanto consciência que o homem tem de si mesmo. Há ainda a ala que Meslier, D'Holbach, e Sade (1740 - 1814) representam; o ultras da filosofia, estes propõe a “destruição” (ONFRAY, 2012, p. 47,55) da religião e afirmação do ser material enquanto o único e verdadeiro ser.

Por efeito, as ditas “*preuve de la vanité*” promovem a desconstrução do sentido sagrado da religião, acusa-a de ser ferramenta de dominação das massas para fins políticos e estabelece uma moral sem a necessidade do dualismo entre Deus e o homem. Ademais, o padre escreve como um revolucionário, opondo-se ao absolutismo e a todo tipo de monarquia constitucional. De acordo com Piva:

“Em contrapartida, defendia um governo conduzido pelos mais esclarecidos e virtuosos, no fundo, um governo do baixo clero rural, classe à qual pertencia, uma vez que esta sofria na pele as mesmas agruras que os camponeses” (2005 p. 103)

De semelhante modo, Onfray em *Contra-História da Filosofia* declara que tal postura “ética se desdobra, se aplica e se explica numa política comunalista de modo que esse padre atípico também inventa o comunismo, ou até o anarquismo.” (2012, p. 47). Contudo, Piva explica que

Meslier, na verdade, não dispunha propriamente de um projeto político, porém, era enfático em propor um comunismo utópico, uma ordem social baseada na fraternidade, na valorização do trabalho e na exploração comum da terra. A propósito, em várias passagens da sua obra, ele conclama os povos oprimidos e explorados do mundo a se levantarem contra os seus tiranos, bem ao modo do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels. (PIVA, 2005, p. 104)

O ateísmo de Meslier não é apenas uma negação do Deus cristão ou da transcendência, mas um fundamento “ontoateológico”⁴⁴, político e ideológico a favor

⁴⁴ Neologismo que adotei a partir do termo “ateólogo” grafado em *Contra-História da Filosofia* (2012, p.59) para referir-me à ontologia do ponto de vista ateísta, materialista radical mantendo a lógica proposta em *Traité d'athéologie*. (ONFRAY, 2005, p. 33-35). O termo visa suprir a necessidade reclamada por Onfray no que tange a carência de termos voltados para o estudo da ateologia.

dos pobres, miseráveis, desafortunados, oprimidos tais como mulheres e crianças, “que são os primeiros a sofrer com a maldade dos homens” (ONFRAY, 2012, p. 47), são estes os salvos libertos pela mensagem redentora do ateísmo radical, segundo o qual;

“O verdadeiro pecado original é a pobreza, e a única redenção possível é a libertação da situação de miséria em que os povos se encontram. Ora, a libertação da miséria ocorrerá com a libertação do engano e da ignorância na qual a religião mantém os povos. (NASCIMENTO, 1985, p. 75)

Nota-se aqui um ponto de convergência entre história do ateísmo radical de Meslier e o cristianismo; a adoção do mesmo discurso religioso por “salvar pobres e oprimidos” (ONFRAY, 2012, p. 69), cativos que necessitam de uma mensagem libertária, esta por sua vez, fica conhecida após a morte do padre ultra iluminado que deixa um *Testamento* com o propósito de trazer liberdade “ao cativo” que neste caso é todo aquele que está sob os domínio da religião.

Ironicamente, o caminho em direção a luz (ultra e radical) aqui representado pelas teses de Jean Meslier, também tem em sua história os ensinamentos de um religioso (não judeu, mas católico) que viveu em uma pequena província. Certamente o padre “não tem propostas niilistas” (ONFRAY, 2012, p. 47), pois a liberdade é sempre no sentido imanente, como se encontra registrado por Onfray(2012) “tomai a resolução de não mais servir e estareis livres” (p.88). Há ainda o tom apologético adotado por Meslier, entendo que tal fato se dê por conta de sua formação religiosa. As “preuves” parecem ter o mesmo “espírito” apologético de Thomas de Aquino(1265-1273) ao propor as “provas” da existência de Deus, neste sentido, compartilho do sentimento declarado por Nascimento(1985), “ao analisarmos o discurso de Meslier, temos a impressão de estarmos diante de um discurso religioso às avessas.” (p. 75). É no mínimo estranho o fato de Michel Onfray não ter mencionado tais similaridades entre a história da ateologia e a religião, afinal ambas tem um ponto em comum em sua historiografia, todavia apontam em sentidos opostos no que tange à forma de se libertar (l'individu affranchi).

2.3.2 D'Holbach

*Diven d'Hollbach!*⁴⁵

D'Holbach (1723 - 1789), nasceu na Alemanha, em Edesheim, diferentemente de Jean Meslier, o barão tem uma produção bem abastada, contudo Onfray afirma que não é dada a devida importância ao trabalho desenvolvido pelo filósofo materialista.

O trabalho do barão de Holbach não existe na Universidade; não há uma edição erudita ou científica publicada por um editor de filosofia que seja expressivo; não há trabalhos, teses ou pesquisas atuais de algum professor que tenha influência na instituição; não há obras em coleções de bolso. (ONFRAY, 2005, p. 60. Tradução: Monica Stahel).

Concernente ao problema apontado por Onfray no fragmento acima, verifiquei que o autor realmente é pouco citado em trabalhos acadêmicos no Brasil, mesmo naqueles que tratam especificamente do ateísmo materialista iluminista francês. Na análise de Alves Primo(2008) em *O Ateísmo na Filosofia de Pierre Bayle*, o autor não é sequer citado. Onfray (2012, p. 217) explica que em *Système de la Nature*(1770) o barão se posiciona de maneira semelhante à Pierre Bayle defendendo a moral a partir da experiência sensível, emancipada da religião. Contudo, Alves Primo omite Holbach de sua dissertação.

Já no trabalho de Paulo Jonas de Lima Piva(2003) o nome é mencionado raras vezes no corpo do texto, entretanto, não se encontra incluído na bibliografia qualquer obra do barão, ao passo que Jean Meslier, *La Mettrie* (1709 - 1751) e Sade (1740 - 1814) estão registrados entre referências consultadas por Piva(2003). Os trabalhos de *stricto sensu* que discutem o ateísmo onfrayano dentro do ambiente acadêmico no Brasil também referenciam pouco ou nada acerca do ateísmo em D'Holbach. João da Mata(2007) em *O Materialismo Hedonista de Michel Onfray* não faz qualquer menção à D'Holbach, já o texto *Ateísmo e Materialismo Hedonista: Um Balanço Crítico da Ateologia de Michel Onfray* escrito por Abraão Lincoln Ferreira

⁴⁵ "Divino d'Holbach!". Michel Onfray, 2005, p. 289.

Costa(2010), cita uma única vez o nome de Holbach, afim de reclamar seu lugar na História da Filosofia, “Holbach também se tornou um importante filósofo ateu, entretanto, silenciado pela história.” (p. 64).

Como bem declara Onfray, a filosofia de Paul-Henri Thiry D’Holbach carece de espaço nas discussões acadêmicas, já que não é por falta de material a ser analisado; são “treze volumes de memórias e obras científicas alemãs. Entre estes livros austeros, uma *Art de la Verrerie* [Arte da Vidraria], um *Traité du soufre* [Tratado de Enxofre], (...) uma *Pyritologie* [Piritologia]” (ONFRAY, 2012, p. 218). Seguindo a proposta de onfrayana “deixemos a obra científica para os epistemólogos e nos detenhamos nos textos filosóficos. Na enorme quantidade de livros impressos.” (ONFRAY, 2012, p. 221). Vale Salientar que se no Brasil os pesadores da ala radical do ateísmo e do materialismo não entre os mais pesquisado, na França o panorama é diferente, basta uma pesquisa no *Google Acadêmico* para constatar centenas de artigos e publicações sobre o tema “athéisme athée”.

Segundo registra Onfray (2012, p. 222), a filosofia holbachiana pode ser melhor compreendida se considerada a partir de três garantes temáticas: A desconstrução do cristianismo, elaboração de uma materialismo sensualista ateu e a proposição de uma política eudemonista e utilitarista. Esta proposta se faz presente também em toda a filosofia de Onfray, de maneira que o ateísmo pós-moderno onfrayano é uma espécie de resgate da proposta filosófica iluminista ateísta materialista defendida pelos ultras da filosofia do século da luzes. O que há de pós-moderno na ateologia onfrayana será discutido nos próximos capítulos.

A explicitação de Onfray(2012) acerca da importância das obras do barão no que tange à proposta pela desconstrução do cristianismo estão dispostas no breviário abaixo.

As hostilidades começam com *Le Christianisme dévoilé* em 1761 (antedatado de 4 de maio de 1758). Segue-se, em 1767, com a colaboração do amigo Naigeon, uma *Théologie portative, ou Dictionnaire abrégé de la religion chrétienne* [Teologia portátil, ou Dicionário resumido da religião cristã], uma espécie de catecismo apresentado de forma abecedária com ironia. Por exemplo, no verbete “Papagaios”: “Animais muito úteis para a Igreja e que, sem nenhuma malícia, repetem com bastante fidelidade tudo o que quiserem lhes ensinar. Ver *Catecismo, Cristão e Educação*.” Ele volta à carga, de espada em punho, com *La Contagion sacrée, ou Histoire naturelle de superstition* [O contágio sagrado, ou História natural da superstição] em

1768, textos sobre o judaísmo, os preconceitos, a vida e os escritos de São Paulo, uma *Histoire critique de Jésus-Christ, ou Analyse raisonnée des Evangiles* [História crítica de Jesus Cristo, ou Análise comentada dos Evangelhos] em 1770, no mesmo ano um *Tableau des saints* [Quadro dos santos]. (2012, p.222)

Para Michel Onfray, o papel de Holbach na história da ateologia é de ser aquele que leva a mensagem desconstrutora, que desencanta e ameaça a autoridade daqueles que se utilizam dos “poderes” clericais para dominar e subjugar o outro. O “arauto da ateologia”, como é chamado por Onfray é quem desenvolve de forma sistemática a exegese ateia dos textos bíblicos. Contudo, a contribuição de Jean Meslier por meio de seu *Testamento* também é reconhecida como aquele que abre o caminho para interpretação dos textos religiosos. O método lembra aquele utilizado por Max Müller em *The sacred books of the East* (1879 - 1910). D’Holbach compara a religião cristã às antigas religiões, “ou seja, ele vai buscar as fontes pagãs da religião cristã, as reciclagens católicas de práticas oriundas das religiões antigas.” (ONFRAY, 2012, p. 229). Em *Contra-História da Filosofia* (2012), o autor registra as principais críticas de Holbach à religião cristã. Jesus? Um charlatão da Judeia, trapaceiro e mentiroso. A Bíblia, nada tem de sagrada, por outro lado é uma redação trivial humana. Deus, o diabo, o Espírito Santo e a virgem, a ressurreição, os ritos e o bestiário mitológico angelical são apresentados como uma adaptação das antigas religiões do Oriente.

O arauto da ateologia⁴⁶ elucida:

Este sistema religioso é apenas a prole deformada de quase todas as antigas superstições, gerados pelo fanatismo oriental, e diversamente modificada pelas circunstâncias e preconceitos daqueles que, desde então, fingiu ser os embaixadores inspiração de Deus, e os intérpretes da sua vontade. (HOLBACH, 2013. Tradução minha)

De onde vem Deus? E as religiões? D’Holbach propõe uma genealogia clara. Os homens inventaram porque não querem morrer: não lhe convém a ideia de ter de desaparecer completamente do planeta, reciclados numa outra disposição de matéria, no grande todo da natureza. (...) A ignorância da natureza e de suas leis produz Deus. (ONFRAY, 2012, p. 230)

⁴⁶*Christianity Unveiled*, citado em, Letter from the author to a friend.

O materialismo ateu surge enquanto proposta que compreende a realidade como unicamente material, uma oposição à possibilidade de sobrenatural; “só existe a natureza, não existe nada além dela, e ela é material, excluída, portanto qualquer possibilidade sobrenatural de uma além da natureza.” (ONFRAY, 2012, p. 239). Nota-se que neste argumento acerca da forma de compreender a realidade, não há provas científicas que atestam tal posicionamento de Holbach, visto que a ciência só pode mensurar aquilo que é experienciável. Percebe-se ainda um reducionismo, dado que para o autor de *Système de la Nature*(1770), tudo se resume à matéria. O cérebro ganha papel de destaque, sendo este o lugar das percepções, das ideias, das reflexões. As sensações, o juízo, a vontade e o desejos determinam o ser. Sem ideias inatas ou *a priori* que defina o ser. Se por um lado não há Deus que dê sentido a existência, “o determinismo triunfa” (ONFRAY, 2012, p. 243), não há espaço para o livre-arbítrio. A natureza é compreendida enquanto um tipo de estado de *devenir*, pois não existe a ordem ou a desordem, tudo flui. O pensamento e conseqüentemente as ações do homem são determinadas por condições biológicas, culturais de um tempo espaço que nos conduz a ação em alguma direção. Postura esta que vem contradizer radicalmente a doutrina cristã do livre-arbítrio destinada a afirmar o homem enquanto responsável por suas escolhas, obrigando-o a responder diante de Deus por cada ato cometido.

Segundo Holbach⁴⁷, “a religião cristã é contrária à verdadeira política e ao bem-estar da humanidade. Vantajoso somente aos príncipes ignorantes e viciosos, àqueles que estão desejosos para reinar sobre os escravos a fim de tiranizá-los.” (2013, tradução minha).

2.3.3 Marquês de Sade

De volta ao materialismo ateu, vale pontuar aqui a relevância que a ateologia onfrayana atribuiu ao nome de Donatien Alphonse François de Sade, o Marquês de Sade (1740 - 1814). Onfray (2012, p.281,282), descreve o marquês enquanto pensador radical, aquele que valoriza a excelência das paixões, sem as

⁴⁷Christianity Unveiled. Vitado no Capítulo XVI: Conclusion.

quais nada de bom se realiza; o desejo como motor das ações, o radicalismo imante que afirma a materialidade integral do real. A crítica aos valores cristãos e ao livre-arbítrio também estão presentes, de modo que Sade também advoga a favor do fatalismo e do determinismo.

Onfray declara que em *A Filosofia na Alcova*(1975) e em *La Nouvelle Justine*(1797), o marquês busca a exaltação do prazer, contudo há espaço para a filosofia que se opõe ao dever moral, alega a inaniidade da família e do casamento, a fim de afirmar a natureza neural do ser. Da Mata (2007) explica:

Ele fala de fluidos elétricos, de átomos, de fibras e de cursos dos licores para explicar o funcionamento do corpo. Em “A nova Justine” (1967), Sade nos mostra como isso se dá: “não há no corpo humano partes mais interessantes do que o nervo. É do nervo que dependem a vida e a harmonia da máquina, os sentidos e as volúpias, os conhecimentos e as ideias; é, em suma, a sede de toda a organização”. (p.546). A carne, a matéria é, pois, para Sade, o local em que se imprimem as sensações e não há nada fora dela. Daí advém no sistema sadista a noção solipsista: a intersubjetividade coloca-se sob a forma da inadequação, impossível de realizar-se, criando um prazer solitário. (p. 35)

Michel Onfray entende que o valor do marques libidinal está no fato de que este “manifesta brutalmente a irrupção do sexo na filosofia. Nisso, ele pertence ao continente dos ultras das Luzes – mas somente nisso.” (ONFRAY, 2012, p. 293). Sade faz da imoralidade um tema moral ao afirmar que o prazer, o vigor dos apetites libidinais das inclinações carnis não devem ser reprimidos, mas, deve-se buscar, se orientar por ele, a fim de produzir a expressão jubilosa do ser.

Ao analisar a postura de Sade em *A Filosofia na Alcova*(2003), percebe-se que o autor advoga a favor de um tipo de “lei natural” determinante do desejo humano, de modo que qualquer tipo de moral contraria a esta “natureza” seria uma injustiça contra nós mesmos (SADE, 2003, p. 146). A moral deve seguir o caminho proposto pela “lei natural”, se colocar a favor daquilo que o marques chama de “o princípio da destruição”. Onfray prossegue a fim de elucidar tal princípio:

“A expansão da sua força, da sua potência, da sua crueldade, é essa verdade de todo ser. Todos obedecem a essa lei. Assim sendo, o estado de natureza se caracteriza pelo estado de guerra de todos contra todos. Para além do bem e do mal, é a crueldade que faz a lei. [...] A palavra de ordem? ‘Sejamos desumanos e bárbaros’. A formula de Sade não é liberdade,

liberdade e fraternidade, mas fatalidade, desigualdade, crueldade.”
(ONFRAY, 2012, p. 284,285)

Outro aspecto desta moral “imoral” é o isolismo⁴⁸, termo é recorrente em: *Les Infortunes de La Vertu*(1787), *Aline et Valcour*(1795) e *La Nouvelle Justine*(1797). Onfray explica que este é o amago de todo o pensamento sadiano, uma forma de solipsismo que propõe a materialidade limitada do ser, de modo solitário, corporeidade, cega, incapaz de comunicar com outrem. “Cada qual vive seu destino como nômade solitária e cega” (ONFRAY, 2012, p. 284). Diferente de Kant que propõe uma moral universalizada com base dever, Sade afirma a moral assimétrica, contrária ao humanismo, a favor dos excessos, para além do homem virtuoso, elege o vício enquanto virtude, a favor do homem sem limites para expressar e buscar o prazer. Este tipo de virtude natural, não está de acordo com a moral, uma vez que a única lei a seguir é a natureza, e esta não cria sistemas de regras que reprimem os desejos da carne.

Em suma:

O ateísmo e o materialismo de Sade copiam sem originalidade o dos mestres reconhecidos por ele: Deus? Uma ficção. A religião? Uma invenção para subjugar o povo. A moral Cristã? Uma construção antinatural. A matéria? A única realidade, imortal em seu ser, mortal em seus arranjos. A alma? Uma expressão mortal, constituída de átomos. Bem e mal? Fábulas. Bom e mau? Tem como parâmetro o último. O conhecimento? Ele se dá por meio dos sentidos. A morte? Nada a temer: após o trespassse vem o nada. O Corpo? Uma matéria atravessada por energia. Uma vade-mécum da tradição filosófica radical. (ONFRAY, 2012, p. 282)

A construção da ateologia onfrayana passa pela negação de Deus(es) em Meslier, desconstrói e desmistifica a religião em Holbach, afirma a materialidade a partir da carne e da natureza em Sade.

⁴⁸Uma variante de solipsismo. Gafado em *Contra-História da Filosofia*(2012), Vol. 4, pag. 284.

2.4 O Cristianismo e a Ateologia

*Cristianismo... miséria dos homens sem
deus - e com Deus mais ainda.*

Michel Onfray⁴⁹

A que tipo de cristianismo Onfray se refere? A que propósito serve a crítica onfrayana? De acordo com quais princípios Onfray apresenta sua crítica ao cristianismo? Como são compreendidas as imagens, Deus, Jesus e a bíblia? Responder a estas indagações requer a descrição e a análise dos postulados apresentados em *Traité d'Athéologie* (2005), desse modo cabe esclarecer primeiramente o que Michel Onfray está entendendo por cristianismo.

No que se refere ao cristianismo de Jesus, Paulo, Constantino ou dos protestantes, todos afirmam a fé, a obediência e a submissão, o gosto pela crucificação de Cristo e a paixão pelo além, a fidelidade monogâmica, a alma e o espírito; nestes temos o cristianismo se assemelha e precisa ser erradicado, combatido. Por que? Por negar a vida e querer a felicidade eterna, por produzir uma ilusão, de modo que a religião forja a imagem de um Deus bondoso, onipotente, onisciente e eterno que passa a ser adorado como essência, separada do homem. Tese esta já discutida por Ludwig Feuerbach(1841) em, *A Essência do Cristianismo*. A fim de libertar o homem de seu estado cativo, curá-lo de sua "neurose obsessiva", o ateísmo onfrayano propõe restaurar a saúde mental⁵⁰ do homem ao trazê-lo de volta a realidade, entendida aqui como expressão puramente imanente, conforme proposto pelos autores do materialismo ultra radical iluminista.

Onfray sustenta a tese apresentada por Freud(1927):

Ao pé de seu divã, por volta de 1900, um médico vienense descobre o inconsciente, os mecanismos do recalçamento e da sublimação, a existência da pulsão de morte, o papel do sonho e mil outros achados que

⁴⁹ Michel Onfray, *Traité d'Atheologie*, 2005, p. 258

⁵⁰ "O ateísmo não é uma terapia, mas uma saúde mental recuperada." (ONFRAY, 2005, p. 30.
Tradução: Monica Stahel)

revolucionam a psicologia então em seu estágio pré-histórico; ele elabora um método que trata, aplaca, cura as neuroses, as afecções mentais, as psicoses; é verdade que de passagem, em *Futuro de uma Ilusão*, ele prova também que toda religião procede de uma "neurose obsessiva" que igualmente mantém relações com a "psicose alucinatória".(ONFRAY, 2005, p. 132. Tradução: Monica Stahel).

Meu ateísmo se ativa quando a crença privada torna-se assunto público e em nome de uma patologia mental pessoal organiza-se também para os outros o mundo que convém. Pois da angústia existencial pessoal à gestão do corpo e da alma dos outros há um mundo no qual se ativam, emboscados, os aproveitadores dessa miséria espiritual e mental. Desviar a pulsão de morte que os aflige para a totalidade do mundo não salva o atormentado e não muda em nada sua miséria, mas contamina o universo. Querendo evitar a negatividade, ele a estende à sua volta, depois gera uma epidemia mental. (Idem, 2005, p. 29. Tradução: Monica Stahel).

Não desprezo os crentes, não os acho ridículos nem lastimáveis, mas desespera-me que prefiram as ficções tranquilizadoras das crianças às certezas cruéis dos adultos. A fé que tranquiliza em vez da razão que preocupa - mesmo ao preço de um perpétuo infantilismo mental: eis uma operação de prestidigitação metafísica a um custo monstruoso! (Idem, 2005, p. 27. Tradução: Monica Stahel).

Visto desta forma, o cristianismo é entendido como produto da psicologia humana, uma patologia psíquica. Logo, não importa o tipo de cristianismo, pois, todos comungam da mesma identidade; o gosto por ideais ascéticos. Aqui há um contrassenso, uma vez que o autor se apoia em Freud(1927) *Futuro de uma Ilusão* para declarar o cristianismo uma patogenia psíquica que precisa ser curada, o mesmo declara em *Le Crepuscule d'une Idole – L’Affabulation Freudienne*⁵¹ que as conjecturas freudianas não são confiáveis, acusa Freud de charlatanismo e compara a psicanálise às religiões, afinal as “provas” de que a religião é uma patogenia mental, são ou não dignas de serem aceitas como argumento para justificar a proposta de sua ateologia? Entendo que não, dado o fato de que o próprio Onfray desqualifica o argumento ao acusar o autor de *Futuro de uma Ilusão* de charlatanismo e compara suas teorias à religião. Contrário à ideia proposta por Abraão Lincoln Ferreira Costa (2008, p. 67) de que “é preciso levar em conta a psicanálise freudiana, e pensadores que atestam a força dos determinismos inconscientes”, a fim de retirar o homem de seu estado de infantilismo mental, compreendo que Michel Onfray não inclui a psicanálise proposta por Freud na lista dos saberes válidos para tal tarefa, visto que esta é comparada à crença e à ufologia.

⁵¹Onfray, *O Crepúsculo de um Ídolo – A Fábula Freudiana*. 2010.

Para Onfray (2005, p. 135), o cristianismo tem forte evocação ao real, à matéria, à ciência e ao pensamento crítico, além de celebrar o transcendente, a submissão, a castidade, o além mundo e a ignorância. O filósofo escreve que o cristianismo contaminou o mundo com sua lógica de servidão e o gosto por ideais ascéticos em nome da justiça cristã.

Não existe mais justiça transcendente do que imanente. Deus ou não, nenhum homem jamais teve de pagar por tê-lo insultado, ignorado, desprezado, esquecido ou contrariado! Os teístas têm muito o que fazer em termos de contorções metafísicas para justificar o mal no planeta afirmando ao mesmo tempo a existência de um Deus a quem nada escapa! Os deístas parecem menos cegos, os ateus parecem mais lúcidos. A história da humanidade mostra sem nenhuma dúvida as prosperidades do vício e as desgraças da virtude... Não existe mais justiça transcendente do que imanente. Deus ou não, nenhum homem jamais teve de pagar por tê-lo insultado, ignorado, desprezado, esquecido ou contrariado! Os teístas têm muito o que fazer em termos de contorções metafísicas para justificar o mal no planeta afirmando ao mesmo tempo a existência de um Deus a quem nada escapa! Os deístas parecem menos cegos, os ateus parecem mais lúcidos. (ONFRAY, 2005, p. 75-76. Tradução: Monica Stahel).

Convencido de que o cristianismo em sua afirmação da justiça divina servem à lógica da servidão, Onfray se opõe a esta ideia e advoga a favor daquilo que Nietzsche(1906) chamou de “*vontade de potência*”, ou seja, a vontade imanente de viver, de dominar, esta capaz de entender o mundo sem os subterfúgios de argumentos metafísicos. De modo, é possível inferir que a ateologia compreende o cristão enquanto indivíduos pouco esclarecidos, submissos, fabricados, formatados por dois milênios de história e de dominação ideológica a serviço da pulsão de morte. A fim de esclarecer tamanho disparate cristão, o *Traité d'Athéologie* (2005) traz na primeira parte da obra um subcapítulo intitulado “*Sur l'ignorance Chrétienne*”⁵² no qual deixa claro sua indignação para com a postura religiosa de afirmação da ignorância justificada pela fé. “*Le monothéisme déteste l'intelligence*” (2005, p. 105)

Onfray segue a mesma “fórmula” de desconstrução adotada por Jean Meslier, acusa o cristianismo de reciclar as fábulas outrora utilizadas em festas e cerimônias pagãs. Ademais, o culto cristão configura-se em um completo desligamento da realidade, enaltece a repetição em detrimento da reflexão e da

⁵² Sobre a ignorância cristã.

razão. “A missa dominical nunca brilhou como lugar de reflexão, de análise, de cultura, de saber difundido e trocado, nem o catecismo, nem mesmo as outras ocasiões rituais e culturais das outras religiões monoteístas.” (ONFRAY, 2005, p. 86. Tradução: Monica Stahel). O autor escreve que a partir da conversão de Constantino ao cristianismo, a religião cristã deixa de ser uma religião dos oprimidos, dos pequenos e miseráveis e passa a servir aos poderosos, contudo não deixa de ser uma religião a partir dos ideais ascéticos e da submissão.

Onfray é repetitivo em seu discurso ao afirmar que a religião é um mal para o homem, pois esta aliena, o afasta da realidade material, afirma uma moral discriminatória contra as mulheres e relações homoafetivas, além de ser um engodo por meio do qual as autoridades justificam seus atos de violência e reforçam a submissão. Jesus? Uma invenção para validar um sistema religioso. Tais críticas podem ser encontradas nos autores aqui já mencionados, a saber; Jean Meslier (1664 – 1729), La Mettrie (1709 - 1751) Helvétius (1715 - 1771), D'Holbach (1723 - 1789), Marquês de Sade (1740 - 1814), Ludwig Feuerbach (1841), Nietzsche⁵³ (1887) e Freud (1927), Sam Harris' (2004), Richard Dawkins (2006) e Daniel Dennett (2006).

O motivo pelo qual a religião dispõe de tanto espaço no mundo, é que esta “responde ao vazio ontológico descoberto por quem quer que fique sabendo que morrerá um dia, que sua estada na terra é limitada no tempo, que toda existência inscreve-se brevemente entre dois nada.” (ONFRAY, 2005, p. 102. Tradução: Monica Stahel). Para Onfray, o cristianismo se convencionou na religião dos livros, se orienta a partir dos textos escritos, de modo que, vem construir um discurso cerebral por via sacerdotal, nesse sentido, adota-se uma lógica vitalista, a fim de compreender o homem e o mundo. Vale o que está registrado nas escrituras ditas sagradas.

Em segundo momento em seu *Traité d'Athéologie*(2005), o autor faz críticas ao novo testamento, questiona a confiabilidade dos textos, pois estes apresentam “um número incalculável de contradições e inverossimilhanças no corpo do texto dos evangelhos sinópticos” (ONFRAY, 2005, p. 171. Tradução: Monica Stahel). A vida e a morte de Jesus, seus milagres e sua ressurreição passam por

⁵³ Genealogia da Moral

uma desmistificação a fim de destruir a ideia da sacralidade referente a figura de Cristo ou à sua mensagem. Ainda neste sentido, a exegese desconstrutora onfrayana segue os mesmos temas de Meslier e Holbach, compara religião cristã e seus elementos com outras práticas antigas, com o intuito de provar a vanidade de sua mensagem, conseqüentemente, sua prática.

Nas palavras de Onfray, Paulo de Tarso é o primeiro a trair o Cristo, o apóstolo inventa um Jesus, atribui a ele o *corpus asketikós*⁵⁴,

Paulo apropria-se do personagem e o veste, fornece-lhe ideias. O Jesus primitivo não fala contra a vida. Duas frases (Mc VII, 15 e X, 7) mostram-no sem oposição ao casamento mas nem um pouco fascinado pelo ideal ascético. É inútil procurar suas prescrições rigorosas no terreno do corpo, da sexualidade, da sensualidade. Essa relativa benevolência com relação às coisas da vida é acompanhada de um elogio e de uma prática da doçura. Paulo de Tarso transforma o silêncio de Jesus sobre essas questões num tumulto ensurdecedor promulgando o ódio ao corpo, às mulheres e à vida. O radicalismo anti-hedonista do cristianismo procede de Paulo - não de Jesus, personagem conceituado silencioso a respeito dessas questões. (ONFRAY, 2005, p. 175. Tradução: Monica Stahel)

Nada de novo na forma de ateologizar⁵⁵ no que tange à maneira de desconstruir o cristianismo a partir do ascetismo e neurose paulina, basta fazer a leitura de *O Anticristo (Nietzsche, 1895)* e Freud (1927) *Futuro de uma Ilusão* para reconhecer os argumentos citados por Onfray. O filósofo da ateologia, autor de *O Crepúsculo de um Ídolo – A Fábula Freudiana* (2010) deixa de lado suas críticas à teoria freudiana e parte para uma análise psicologizada de Paulo, utiliza-se dos termos freudianos, com o intento de diagnosticar o comportamento patológico do apóstolo asceta. “Freud vê a origem da histeria na luta contra angústias de origem sexual recalçadas e sua realização parcial sob a forma de uma conversão - no sentido psicanalítico, mas o outro sentido também convém...” (ONFRAY, 2005, p. 178. Tradução: Monica Stahel).

O diagnóstico médico parece fácil de fazer: a crise sobrevém sempre na presença de outras pessoas - é o caso... -, a queda, a cegueira dita histórica

⁵⁴ Corpo ascético

⁵⁵ Neologismo necessário para definir a forma de abordagem ateológica a partir de Onfray.

- ou *amaurose transitória* - portanto passageira, a suspensão sensorial - surdez, anosmia, angustia - durante três dias a tendência mitomaníaca - Jesus lhe fala pessoalmente... -, o histrionismo, ou exibicionismo moral - cerca de trinta anos de teatralização de um personagem imaginário, eleito por Deus, escolhido por ele para transformar o planeta -, toda essa crise é idêntica à ilustração de um manual de psiquiatria, capítulo das neuroses, seção das histerias... Eis uma verdadeira histeria... de conversão! (ONFRAY, 2005, p. 176. Tradução: Monica Stahel)

Em suma, Paulo é um inculto, neurótico obsessivo, um histérico que desenvolveu o “ódio a si mesmo, ódio ao mundo, ódio às mulheres, ódio à liberdade, Paulo de Tarso acrescenta a esse quadro desolador o ódio à inteligência.” (ONFRAY, 2005, p. 183. Tradução: Monica Stahel). Nota-se que não há qualquer ponto positivo apontado no cristianismo a partir da crítica onfrayana, nesta direção, observa-se que o cristianismo é uma religião essencialmente ascética, construída a partir da “reciclagens” dos ritos e mitos das antigas religiões, tendo por objetivo a construção de uma lógica de dominação. Nada há de sagrado ou autêntico na religião cristã, pelo contrário, o estilo desconstrutor adotado na ateologia onfrayana tenta provar a vanidade do cristianismo, descrevê-lo como uma resposta grosseira à emancipação do homem proposta pelos *ultras da filosofia* iluminista. Nesta mesma direção, Nietzsche escreveu em *Ecce Homo* sobre o tema, “*por que sou tão inteligente*”:

Não conheço em absoluto o ateísmo como resultado, menos ainda como acontecimento: em mim ele é óbvio por instinto. Sou muito inquiridor, muito duvidoso, muito altivo para me satisfazer com resposta grosseira. Deus é uma resposta grosseira, uma indelicadeza para conosco, pensadores – no fundo até mesmo uma grosseira proibição para nós: não devemos pensar! (2008, p. 33)

Por outro lado, entendo que o argumento do filósofo francês Luc Ferry é mais coerente ao justificar sua opção pela descrença no cristianismo; em *A Tentação do Cristianismo* o autor explica:

Quanto ao resto, jamais me deixei convencer pelos argumentos genealógicos à la Freud, Marx e Nietzsche, o ópio do povo, a neurose obsessiva da humanidade, o niilismo, sempre achei que essas críticas do cristianismo eram simplistas e apressadas, em todo caso, muito menos

interessantes que o próprio cristianismo, mesmo que eu o creia, de fato ilusório. (FERRY, 2011, p. 103)

Sobre o cristianismo ser vão, Ferry se opõe à Onfray ao denunciar o reducionismo e afirma a profundidade da doutrina cristã; “a doutrina do amor. Ela é, no cristianismo, de grande profundidade e não tem nada de vulgaridade “antierótica” à qual foi habitualmente reduzida nas arengas marxistas ou nietzschianas” (FERRY, 2011, p. 90). Além disso, a obra (p. 67-97) apresenta o cristianismo como a religião que produziu transformações significativas no campo da ética, soteriologia, ontologia e epistemologia (p. 70). A imagem de Jesus Cristo, suas parábolas e mensagem também constam nas reflexões de Ferry, que diferente de Onfray discorre sobre o assunto, a fim de elucidar pontos e contrapontos da fé cristã.

A hermenêutica ateológica onfrayana beira o senso comum, sem apontar estudos ou dados recentes sobre a vida de Paulo de Tarso ou Jesus Cristo, Onfray entra em contradição com sua própria proposta de fazer filosofia por meio da razão e reflexão. Neste sentido, o trabalho de Voltaire (1767) em *O Tumulo do Fanatismo* e Feuerbach (1841) *A essência do Cristianismo*, são obras indicadas para aqueles que querem compreender melhor a formula desconstrutora da ateologia.

A análise do autor francês é carregada de conjecturas que não se sustentam em fatos, mas em sua vontade de representar o cristianismo a partir da interpretação subjetiva com o intento de expressar a aversão que ele mesmo tem para com a religião cristã. Entendo que a teoria onfrayana é reducionista ao declarar que a religião cristã essencialmente uma pulsão de morte, que soa como resposta grosseira de insulto à inteligência.

3. PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DA ATEOLOGIA

Quando elegemos uma categoria de valores, somos eleitos, regidos por estes valores. Partindo desta premissa, estabelece-se a seguinte pergunta: A partir de qual ou quais teorias e valores a filosofia onfrayana constrói sua ateologia? Antes de responder esta questão é preciso rememorar o conceito de ateísmo adotado pelo autor. O “ateísmo ateu”⁵⁶, parte do princípio que é necessário a negação completa de toda e qualquer deidade, a fim de abolir definitivamente as referências teológicas e científicas. Neste ponto o ateísmo pós-moderno⁵⁷ de Onfray se difere do que é proposto por Richard Dawkins (2006), já que o autor de *The God Delusion*, se apoia na ciência, mais especificamente no evolucionismo da biologia para sustentar seu ateísmo. Contudo, Onfray e Dawkins compartilham de alguns pontos de convergência, a saber; o ateísmo pós-moderno deve ser militante, precisa se opor a religião para se afirmar. Deus e o todo o ideário cristão deve ser desconstruído, há uma necessidade de afirmar a realidade a partir do imanente e por fim, a preocupação deve ser a vida humana pela vida humana, construída aqui e agora.

Bertrand Russell também entendia que o cristianismo se opõe a vida, ao desenvolvimento da ciência e maturidade dos homens. Nota-se ainda, que em *Why I am not a Cristian*, o filósofo inglês traz em suas reflexões o mesmo tom antirreligioso apresentado por Onfray, de modo a afirmar a vanidade das religiões, declará-las nocivas, ascéticas, a favor do “encadeamento da inteligências livre” (RUSSELL, 1960, p. 17). A obra tem o mesmo viés autobiográfico também adotado por Onfray, outrossim relaciona a religião às questões de violência e submissão. A tentativa de desconstruir o cristianismo e a ética a partir do corpo são dois pontos que Russell também trata em seu ensaio, se posicionando a favor do utilitarismo que tem por objetivo seu efeito.

O que temos positivamente, a fazer, é perguntar a nós próprios quais as normas morais que tem maior probabilidade de promover a felicidade humana, lembrando-nos sempre de que, quaisquer que elas possam ser, não é possível que sejam universalmente observadas. Em outras palavras:

⁵⁶ *Athéisme athée*. (ONFRAY, 2005, p. 93)

⁵⁷ Um *athéisme post-moderne*. (ONFRAY, 2005, p. 93)

temos de considerar o efeito que tais normas de fato terão e não o efeito que teriam se fossem completamente eficazes. (RUSSELL, 1960, p. 129).

Será que Onfray se utiliza do mesmo utilitarismo de Russell e Stuart Mill? Ou sustenta seu ateísmo tendo por suporte a ciência tal como Dawkins? Sobre qual ou quais pressupostos a ateologia onfrayana quer formular sua ontologia, a ética, a estética e a política? Todavia, aqui não é analisado cada uma destas áreas, mas optei por apresentar as categorias de valores com os quais elas serão entendidas dentro da filosofia de Michel Onfray.

Para a ateologia, o materialismo radical e o hedonismo formam a rede de pressupostos filosóficos fundamentais com os quais Michel Onfray constrói seu projeto ateológico. Ademais, o ateísmo ateu, a razão corpórea, a liberdade, o anarquismo e o utilitarismo descendem dos pressupostos fundamentais da ateologia.

3.1 O ateísmo radical

O ateísmo ateu (*athéisme athée*) de Onfray parte da filosofia que já havia sido postulada por pensadores que buscavam compreender o mundo e o homem a partir da afirmação da materialidade, da utilidade e do prazer. No entanto, tal compreensão da realidade não é suficiente para definir o corpo do ateísmo onfrayano, como já dito, é necessário ser combativo, negar a transcendência, a religião e os valores que dela descendem.

Para explicar melhor aquilo que o autor chamou de “*athéisme athée*”, comparo algumas posturas adotadas por filósofos que tratam especificamente deste tema. Logo, observa-se que Onfray posiciona-se diferentemente do tipo de ateísmo pós-moderno defendido por Comte-Sponville e Luc Ferry, visto que tais autores mantem os valores niilistas e cristãos, não os abole da ética, mas os evoca a fim de propor um “ateísmo cristão”. Comte-Sponville, explica:

"A fórmula parece muito paradoxal, até mesmo contraditórias, que eu possa aceitá-lo: 'Um cristão crê em Deus', como havia dito, esse não é o meu

caso. Então, eu não sou cristão. Mas sou ou tento ser um verdadeiro ateu ...” (COMTE-SPONVILLE, 2006, p. 42. Tradução minha)

Há um contraste bastante interessante no que tange ao papel da metafísica e fé para afirmar ou negar Deus. Enquanto Onfray é intolerante com qualquer tipo afirmação que aponte positivamente para validade da religião, já Conte-Sponville, não exclui totalmente os valores religiosos, mas busca descrever e justificar até que ponto estes axiomas têm a contribuir para a valorização da vida dentro da proposta de ateísta.

Conte-Sponville entende que fazer filosofia “é pensar além do que sabemos. O fazer metafísico é pensar, tanto quanto pudermos. Isto é onde se pode encontrar a questão “Deus”, bem como a possibilidade para que todos possam tentar responder.” (2006, p. 84). De modo que, “na verdade ninguém sabe se Deus existe, e que muitos dentre os fiéis e ateus estão dispostos a reconhecer tal ignorância intransponível”⁵⁸ (COMTE-SPONVILLE, 2006, p. 42. Tradução minha).

Nota-se que o autor de *L'esprit de l'athéisme* compreende a crença como uma categoria metafísica necessária para negar ou afirmar Deus, reconhece os limites da razão para realização de tal tarefa. “Se você não gosta, não desdenhe dos outros”⁵⁹ (COMTE-SPONVILLE, 2006, p. 82. Tradução minha), adverte o autor. Em contraponto a este pensamento, o ateísmo onfrayano entende que a crença no além depõem contra a vida e afasta o homem da realidade, entendida aqui como puramente material. A partir disto, Onfray se volta contra a religião e toda a transcendência crendo que desta forma está se colocando a favor da felicidade, a fim de afirmar a reconciliação com a terra, em oposição aos céus.

Mas em toda parte constatee quanto os homens fabulam para evitar olhar o rela de frente. A criação de além-mundos não seria muito grave se seu preço não fosse tão alto: o esquecimento do real, portanto a condenável negligência do único mundo que existe. Enquanto a crença indispõe com a imanência, portanto com o eu, o ateísmo reconcilia com a terra, outro nome da vida. (ONFRAY, 2005, p. 23. Tradução: Monica Stahel).

⁵⁸ La vérité, c'est que personne ne sait si Dieu existe, et que beaucoup, chez les croyants comme chez les athées, sont prêts à reconnaître cette ignorance indépassable. (*L'esprit de l'athéisme*)

⁵⁹ Si vous n'aimez pas ça, n'en dégoûtez pas les autres.

Michel Onfray, quer realizar a tarefa de substituir as bases da moral, da ética e da política atualmente existentes, sob a justificativa de que estes estão estabelecidos dentro de um paradigma niilista cristianizado, tanto que o autor declara a necessidade de um movimento para a superação deste modelo, o nome deste processo dessacralizante é “Ateologia”. Neste caso, o ateísmo vai além da descrença em Deus, pois, configura-se em um projeto ético e político que deve ser adotado a fim de servir como base para as categorias filosóficas defendidas pelo autor.

Desta forma, o autor francês propõe a transposição dos conceitos transcendentais para o imane, postula o ensino do *fato ateu*, isto é, abolir a religião e produzir no homem uma postura antirreligiosa atea, a fim de negar a Deus e todos os valores decorrentes desta episteme, para assim definir um novo lugar para a moral e a política. Vale lembrar, “O ateísmo pós-moderno abole a referência teológica, mas também científica, para construir uma moral. Nem Deus nem a ciência” (ONFRAY, 2005, p. 93. Tradução: Monica Stahel). Em suma, o filósofo está dizendo que os valores humanos foram contaminados pela episteme transcendente, que é necessário se opor a estes valores, desconstruí-los, abandona-los, para que a partir do autêntico ateísmo os seres humanos possam estabelecer novas estruturas de se relacionar consigo mesmo e com o outro.

Prossegue o filósofo:

Ensinar o fato ateu suporia uma arqueologia do sentimento religioso: o medo, o temor, a incapacidade de olhar a morte de frente, a impossível consciência da incompletude e da finitude nos homens, o papel maior e motor da angústia existencial. A religião, criação de ficções, exigiria uma desmontagem em boa e devida forma desses placebos ontológicos” (ONFRAY, 2005, p. 69. Tradução: Monica Stahel)

Enfim, o ateísmo radical, não apenas nega a existência de Deus, mas também, leva ao materialismo, já que a transcendência e o idealismo é abolido. Sob quais justificativas? Estabelecer um projeto que vise a alegria e o prazer a partir da imanência, além de deixar o campo livre para os homens construírem sua felicidade na Terra.

3.2 O Materialismo e a razão corpórea

A natureza tem horror ao vazio. Lucien
Jerphagnon⁶⁰

O materialismo surge na antiguidade, quando o homem dialogava com a natureza, buscava a razão de sua existência por meio do diálogo constante com a terra, o sol, as estrelas e o mar. Um diálogo mediado pelo sensível que buscava compreender sua natureza por meio da própria natureza, de modo que, os chamados filósofos da natureza tentavam ler o mundo a partir da imanência.

Os monistas afirmam que existe apenas uma substância diversamente modificada, assim para Espinosa em *Ética*(1677), corpo e alma são partes de uma única necessária totalidade, de modo que a mesma realidade pode ser percebida de várias formas. A realidade parte do corpo que se serve da razão, está por sua vez submissa à grande realidade corpórea. O Corpo pensa. Há apenas uma verdade: a matéria que se apresenta de diversas formas. A alma não é encarada como no platonismo, distinta do corpo, mas se apresenta como parte da realidade corpórea, ou seja, o corpo morre, a alma também. A verdade do ser é uno, a matéria. Todavia, Onfray rejeita a proposta de Espinosa, visto que o autor deixa espaço para o conceito de alma e não afirma de forma categórica a inexistência de Deus.

Onde está o ateísmo de Espinosa? Em lugar nenhum. É inútil procurar em sua obra completa uma única frase que afirme a inexistência de Deus. Certamente, ele nega a imortalidade de uma alma e afirma a impossibilidade de castigo ou recompensa post mortem; enuncia a ideia de que a Bíblia é uma obra composta por diversos autores e provém de uma composição histórica, portanto não revelada; não se conforma de modo nenhum à noção de povo eleito e o afirma claramente no Tratado teológico-político-, ensina uma moral hedonista da alegria para além do bem e do mal; não se conforma ao ódio judeu-cristão a si mesmo, ao mundo e ao corpo; embora judeu, encontra qualidades filosóficas em Jesus. Mas nada disso constitui um negador de Deus, um ateu... (ONFRAY, 2005, p. 55. Tradução: Monica Stahel).

⁶⁰ *A Tentação do Cristianismo*, 2011, p. 109

Não obstante, Da Mata entende que “Onfray encontra em Demócrito aquilo que será a sua defesa por um materialismo hedonista” (2007, p. 66), porém, compreendo que apesar das muitas similaridades entre o materialismo de Onfray e o proposto por Demócrito, a saber: a não existência de uma alma separada do corpo, a negação de um princípio divino, a prática do prazer entendida como júbilo por ser livre e a razão como forma de se opor à crença, não são exatamente o fundamento da ateologia de Michel Onfray. Logo, nota-se na proposta de Meslier e D’Holbach um tipo o materialismos radical assumido por Onfray em seu projeto ateológico. Vale lembrar as palavras do autor:

O milagre logo virá, com um outro padre, o abade Meslier, santo, herói e mártir da causa atéia finalmente identificável! Cura de Etrépigny em Ardennes, discreto ao longo de todo o seu ministério, salvo uma alteração com o senhor do povoado, Jean Meslier (1664-1729) escreve um volumoso Testamento no qual achincalha a Igreja, a Religião, Jesus, Deus, mas também a aristocracia, a Monarquia, o Ancien Régime, denuncia com violência inominável a injustiça social, o pensamento idealista, a moral cristã dolorista e professa ao mesmo tempo um comunalismo anarquista, uma filosofia materialista autêntica e inaugural e um ateísmo hedonista de espantosa modernidade. Pela primeira vez na história das ideias, um filósofo - quando haverá acordo a esse respeito? - dedica uma obra à questão do ateísmo; ele o professa, o prova, o demonstra, argumenta, cita, relata suas leituras, suas reflexões, mas apoia-se também em seus comentários do mundo como está. O título o diz claramente: *Mémoire des pensées et sentiments de Jean Meslier* [Memória dos pensamentos e sentimentos de Jean Meslier] e também seu desenvolvimento que anuncia *Des démonstrations claires et évidentes de la Vanité et de la Faus-seté de toutes les Divinités et de toutes les Religions du Monde* | Demonstrações claras e evidentes da Vanidade e da Falsidade de todas as Divindades e de todas as Religiões do Mundo]. O livro é publicado em 1729, depois de sua morte, Meslier trabalhou nele uma grande parte de sua vida. A história do verdadeiro ateísmo começa... (ONFRAY, 2005, p. 59,60. Tradução: Monica Stahel.).

Por outro lado, apesar de a filosofia democritiana ter pontos que contribuam para a ateologia onfrayana, observa-se que a militância contra toda forma de religião não está presente de maneira contundente nas proposições de Demócrito. Onfray chega a afirmar em sua *Contra-História da Filosofia* que o filósofo de Abdera “solicita uma forma de ateísmo tranquilo, um tipo de indiferença para com os deuses” (ONFRAY, 2008, p. 66). Partindo do pressuposto que a ateologia deve abolir qualquer possibilidade de transcendência e se opor de maneira incisiva contra as religiões, a filosofia de Demócrito não preenche este requisito básico do materialismo radicalmente ateu. Mas, vale notar que a filosofia de Leucipo,

Demócrito e Epicuro servem de suporte para as críticas onfrayanas à filosofia transcendente advindo do platonismo.

Cabe também questionar a confiabilidade que se dá a interpretação dos escritos produzidos durante o período antigo da filosofia grega. De modo que a transposição das ideias contida nos textos de Demócrito ou Leucipo para uma abordagem contemporânea podem vir produzir uma imagem distorcida da filosofia por eles defendida. Nesse aspecto, David Hamlyn nos adverte:

Tudo isso tornou o estudo da filosofia antiga dependente do trabalho de eruditos, em especial do grande sábio alemão Herman Diels, que, na passagem deste século, publicou a primeira edição do *Die Fragmente der Vorsokratiker*, no qual se basearam todas as coletâneas subseqüentes e observações sobre os velhos filósofos gregos. Por outro lado, isto significa que mais ou menos todas as afirmações sobre esses filósofos devem ser acompanhadas da ressalva “se são corretas nossas fontes”. Essa ressalva deve ser levada sempre em mente na leitura do que diremos a seguir. (HAMLIN, 1990, p. 10)

A última escola pré-socrática, a atomista, representada por Leucipo, de Mileto, e Demócrito, de Abdera (tecnicamente não pré-socrático visto que foi contemporâneo de Sócrates), foi também menos refinada, embora, como precursores de Epicuro e possíveis predecessores do atomismo moderno, tivessem recebido alguma atenção. É perigoso, contudo, ver mérito em pensamento antigo simplesmente porque ideias propostas naquele tempo apresentam similaridade com outras usadas em contextos diferentes e posteriores. Tudo depende do uso dado às ideias. (Idem. 1990, p. 23)

O materialismo ateológico afirma a realidade a partir do imanente e das sensações que o corpo produz, além de colocar-se contra toda forma de ascetismo, diz “não” ao dualismo, a existência de qualquer divindade, milita contra o idealismo e o niilismo, os quais descendem da filosofia de Platão. É dessacralizado e dessacraliza toda leitura da realidade. De forma que, esta proposta está de acordo com o conceito de matéria apontado por D’Holbach em *Système de la Nature*, em que; a matéria é uma substância em si mesma, de forma dinâmica e energética. Onfray explica:

o movimento da matéria está nela mesma, seu tropismo natural consiste em perseverar em seu ser. Para significar essa potência de ser no ser, o filósofo recorre ao conceito de “nisus”. Em Investigações sobre o entendimento humano, de Hume, esse termo caracteriza o esforço muscular de que temos consciência. A etimologia remete à “ação de se apoiar”, ao “movimento feito com esforço”. Essa energia não pode ser conhecida ou concebida, pode apenas ser constatada. D’Holbach confere ao conceito sua acepção materialista. No *Système de la nature* (I, cap. 2) o “nisus” se define

pelos “esforços contínuos que fazem uns sobre os outros corpos, que parecem, por outro lado, desfrutar do repouso”. Um tipo de movimento browniano invisível, gerador do ser da matéria. Portanto, esse “nusus” possibilita o ser da matéria, sua evolução, seus movimentos, suas formas, suas mudanças, suas disposições, suas combinações. O ser do mineral, o do vegetal, do animal ou do humano são todos percorridos por essa força que causa a homeostase da natureza: ser e perseverar no seu ser. Portanto, a causa do que é não está em outro lugar, fora, menos ainda no sobrenatural de uma causa incausada, Deus, mas dentro, no próprio coração da matéria. A metafísica e a teologia dão lugar à física e às ciências experimentais. A matéria existe desde sempre, ela nunca foi criada, ela é eterna, imortal e em perpétuo movimento. Assim sendo, como tal, ela está no tempo, mas sua essência permanece inacessível. Em contrapartida, sua organização, suas formas estão sujeitas a modificações. A matéria vive, suas organizações morrem. (2010, p. 240)

Inspirado nos atomistas e fundamentado nos ultras da filosofia iluminista, a ateologia onfrayana contrapõe-se às religiões, pois são estas uma forma de platonismo travestido, já que menosprezam o prazer da carne e o júbilo corpóreo. Ao analisar o ateísmo pós moderno de Michel Onfray, João da Mata faz referência a La Mettrie (1709 – 1751) e explica que o materialismo radical do médico acaba por promover uma ética hedonista. Pressuposto capital para compreender a ateologia onfrayana.

La Mettrie acreditava que tudo é matéria, inclusive pensamentos e ideias. Não há nenhuma dimensão imaterial, tudo está submetido à matéria: a máquina corporal. É ela que conhece as variações fisiológicas de prazeres e desprazeres, energias que percorrem em fluxos produzindo uma gama de estados, impossíveis de serem influenciados ou impedidos em seu funcionamento. La Mettrie defende o hedonismo vivido no instante do êxtase, desfrutado no momento seguinte ao da descarga de tensão do prazer. (DA MATA, 2007, p. 32)

Notei também que algumas das considerações feitas por Michel Onfray estão bem próximas daquilo que os teólogos chamam de dogma⁶¹, pois ao assumir o materialismo o autor afirma ser esta “a verdade”, a qual “da conta” de toda a realidade. Aqui está o dogma fundante de toda a ateologia onfrayana.

⁶¹ Decisão, juízo e, portanto, decreto ou ordem. Nesse sentido, essa palavra foi entendida na Antiguidade (CÍCERO, Acad., IV ,9; SÊNECA, Ep.94) para indicar as crenças fundamentais das escolas filosóficas, e depois usada para indicar as decisões dos concílios e das autoridades eclesiásticas sobre as matérias fundamentais da fé. ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2007, p. 293.

O filósofo é enfático ao sustentar sua doutrina, “o materialismo, eis a verdade filosófica!” (ONFRAY, 2012b, p. 99), “essa filosofia coerente que dá conta absolutamente de todo o real” (ONFRAY, 2005, p. 123, Tradução: Monica Stahel). Nesse sentido, a leitura dos fenômenos se dá apenas por meio da relação da matéria com a própria matéria.

Indubitavelmente, a ateologia onfrayana é antes tudo o compromisso com o materialismo, afirmá-lo como “a verdade” que deve orientar a leitura de toda a realidade. Neste ponto, verifica-se que a ateologia se serve do materialismo na mesma proporção que a teologia se serve do idealismo, isto é, a verdade afirmada por cada corrente determina o modo como será percebida a realidade, tal como indicava Kant(1781) em sua *Crítica da Razão Pura*.

3.3 Hedonismo: o corpo, o prazer, as sensações.

Um dos aspectos mais marcantes do ateísmo onfrayano é sua proposta hedonista, a relevância de compreender tal proposição, se dá a partir da necessidade de entender como este conceito acaba por fundamentar a ética, a estética e a ontologia legitimamente atéia. Onfray(2010) escreve que “na vida de um filósofo o corpo desempenha um papel maior” (p. 15). Tudo é restrito aos sentidos e a como interpretamos tais sentimentos, como já havia postulado Feuerbach em *A Essência do Cristianismo* (2007, p, 37), então, o que há de novo no hedonismo ateológico onfrayano? Será um movimento de continuidade ou de ruptura?

Partindo da ideia que Michel Onfray está a resgatar os filósofos materialistas a fim de propor uma Contra-história da filosofia a partir do materialismo hedonista, fica evidente que o autor quer promover a continuidade do movimento outrora proposto por filósofos antimetafísicos, desconstrutores da religião, sensualistas e libertinos. De modo mais específico, este projeto hedonista está melhor descrito nas seguintes obras: *A Arte de Ter Prazer: um Materialismo Hedonista* (1991), *A Escultura de Si* (1991); *Teoria do Corpo Amoroso* (2000) e em *A Invenção do Prazer* (2002). Sobre o assunto, João da Mata(2007) disserta com o intuito de compreender o hedonismo do ponto de vista defendido por Onfray.

Seu desafio está em estabelecer as vias que possibilitem a superação do niilismo contemporâneo, o que torna seu materialismo hedonista uma rica e contemporânea resposta às questões de nosso tempo. O autor pretende realizar este objetivo, através da escolha da elegância e do prazer, que servem de guia na elaboração e confecção para que cada um possa esculpir sua própria estátua. (2007, p. 114)

Logo, em *Contra-História da Filosofia*, lemos “Fazer o céu descer à terra, esse é o objetivo de todo filósofo hedonista. E para fazê-lo, a religião representa o inimigo prioritário” (ONFRAY, 2008, p. 267). Onfray também defende o hedonismo enquanto uma atitude frente a vida, pois, para o autor francês o sentido da existência não é *a priori*, haja vista o sentido é construído a partir da existência (SARTRE, 1946, p. 6). O ponto de partida é a desmistificação da carne, “o esvaziamento das representações mágicas para entrar numa verdadeira época da razão” (ONFRAY, 2010, p. 103) com o objetivo de valorizar o corpo sensorial, a vida e a alegria.

O prazer é a via pela qual o sentido existencial é esculpido, uma espécie de imperativo categórico com o qual Onfray constrói ética e a estética ateológica. O prazer identifica-se com o bem, afirma a vida, depõe a favor da alegria e do gozo, supõe a busca da satisfação e a construção do júbilo, pois cada ser humano quer a alegria, não o sofrimento. Em *Contra-história da Filosofia(2008b)*, Onfray destaca o nome de Elói de Pruystinck(1525 - 1544), a fim de apontar o pensador gnóstico como um retórico importante para afirmação de um hedonismo que se opõe ao ascetismo religioso e também afirma uma autêntica ética do júbilo. Onfray escreve:

De maneira quase irônica, Elói formula o imperativo categórico hedonista parodiando são Paulo. Conhecemos os ensinamentos do histórico de Tarso: não fazer ao outro o que não queremos que ele nos faça. Essa moral negativa prescreve uma evitação. O filósofo telhador vai além e afirma, numa frase considerável, que se trata, então, no Livre Espírito e além dele, de considerar imperativo categórico hedonista: fazer ao outro o que queremos que ele nos faça. Revolução radica... (2008b, p. 123)

O caminho indicado pela filosofia ateológica configura-se como uma alternativa ao idealismo e niilismo, quer libertar a matéria das cadeias ideológicas ascéticas, entendidas aqui como forma de reprimir e anular a potência que há no corpo, ou seja, o ascetismo é diagnosticado como uma “intenção doentia de fazer de seu corpo um objeto desprezível e vergonhoso” (ONFRAY, 1999a, p. 164). Em suma, o corpo é mecânico, ateu, nominalista e puramente imanente.

Na perspectiva onfrayana, a ética passa pelo corpo, surge e se faz por meio dele. A ideia é pura e simplesmente um fenômeno corporal, as palavras exprimem o que se percebe da realidade. A existência das ideias está subordinada aos sentidos que lhe corresponde, de modo que o nominalismo assumido pela ateologia onfrayana rejeita a interpretação idealista da realidade, pois, entende que ao aceitar a existência de ideias autônomas é afirmar o virtual no lugar do real.

De acordo com a *Teoria do Corpo Amoroso* (2000), a tradição judaico-cristã esforçou-se para destituir o corpo de vida, criando uma dicotomia entre a carne(má) e o espírito(bom). Esta lógica acaba por transformar homens, seres corpóreos, terrenos, sensoriais que buscam o prazer em seres angelicais, portanto, castrados, alados, parte do imaginário que não fazem parte da realidade. De modo que, a imagem do corpo foi marcada pelo ascetismo visto na religião como forma de busca por se assemelhar ao divino. Por este motivo, a ateologia defende que não basta um “hedonismo light”, tal como o de Erasmo de Rotterdam(1469-1536) e Montaigne(1533-1592), esta deve se opor à religião, a fim de estabelecer uma moralidade solar (ONFRAY, 2010, p. 29), ou seja, uma moral utilitarista fundamentada no imperativo categórico “frua e faça fruir, sem fazer mal nem a você nem a ninguém, eis toda a moral. Com isto tudo está dito: fruição de si, decerto, mas também e sobretudo fruição do outro” (ONFRAY, 2010, p. 29).

Ao reclamar o exercício do prazer com o propósito de valorizar a vida dentro da relação eu e o outro, o hedonismo ateu defende uma moral do dever pela busca do prazer. De certo modo, a proposta onfrayana acaba por retomar um dos postulados de Kant: “age de tal maneira que possas usar a humanidade, tanto em tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio” (2004, p. 59).

Com relação a moralidade social, o filósofo escreve; “não mandar a moral embora, mas submeter a ação a princípios provenientes do ateísmo, da imanência, do materialismo, do anticristianismo e do ódio por qualquer ideal ascético promovido a arquétipo social.” (ONFRAY, 1999b, p. 273). Nesse sentido, vale lembrar que Onfray elogia a postura de Jean Meslier quando este advoga a favor dos trabalhadores pobres, miseráveis e menos favorecidos (2012, p. 83). Assim, uma ética “hedonista, libertária e satânica” deve promover a justiça social (1999b, p. 120) e precisa ser aplicada a favor do bem comum.

Em *A Potência de Existir* (2010), o autor explica que a relação do hedonismo com a política está na maneira com que o indivíduo se relaciona consigo mesmo a medida que constrói suas experiências fraternas, suas relações sociais. Nada de revolução de massas, mas singular.

A política hedonista e libertária pós moderna tem em vista a criação de setores pontuais, de espaços liberados e de comunidades nômades construídos em cima dos princípios supracitados. Nada de revolução nacional ou planetária, mas de momentos que escapam dos modelos dominantes. A revolução se efetua em torno de si, a partir de si, integrando indivíduos escolhidos para participar dessas experiências fraternas. Essas *microsociedades eletivas* ativam microresistências eficazes para derrotar momentaneamente os microfascismos dominantes. (ONFRAY, 2010, p. 143)

Em *A Política do Rebelde – Tratado de resistência e insubmissão* (1999), Onfray traz as reflexões e propostas de como o projeto hedonista se traduz em uma ética para a política contemporânea. Posteriormente, João da Mata(2007) resume; “para pensar o anarquismo hoje é preciso atuar aqui e agora, libertariamente, na relação consigo mesmo, com os demais e com o mundo (p. 60).

Tal como os ultra da filosofia iluminista, a moral deixa de pertencer ao campo da teologia para ser construída a partir do corpo, ou seja, o corpo tem finalidade ética, é por meio dele que se afirma a vida. O bem e o mal, o que é justo ou não, o belo e o feio são decisões que passam pelo corpo, todas relativas ao tempo e ao espaço, mas sem uma *a priori*. Pelo contrário, são *a posteriori*, só existem a partir da decisão humana instalada no copo. A ética, “um corpo faustino,

informado pela potência e pela demiurgia de uma inteligência que quer” (ONFRAY, 2010, p. 45) o exercício do prazer. A moral, um contrato entre os homens que se escreve na relação com os corpos, se faz por meio da aritmética dos prazeres, “obriga a uma preocupação com o outro – a definição do núcleo duro de toda moral” (ONFRAY, 2010, p. 55). O prazer não se justifica com o desprazer do outro, ao contrário, ela obriga o ateu a buscar o regozijo em sua relação com o outro, nisto a ateologia se opõe ao sadismo, já que para Sade o que vale é ter prazer, mesmo sendo pela dor ou sofrimento do outro. Nota-se também que a moral ateológica não impõe à vítima um amor por seu opressor em nome da beatitude, tal como ensina a moral cristã.

A moralidade onfrayana entende que “soma dos prazeres deve sempre prevalecer sobre a dos desprazeres” (ONFRAY, 2010, p. 54). Onfray valida a ética do dever hedonista, a escolha é sempre pelo dever de fazer fruir, por uma aritmética que soma prazeres, subtrai as pulsões de morte e emprega o prazer que conduz diretamente ao outro. Uma prática por ações capazes de trazer alegria, cultiva a lógica das boas maneiras a fim de estabelecer valores encarnados. Onfray esboça: “O hedonismo é uma chance para a vida, uma via de acesso para a afirmação.” (ONFRAY, 1995, p. 148).

Quem é o homem? Uma identidade neural, aquele que se faz a medida que conhece, relaciona-se, que se conecta com o mundo, reage aos estímulos com os quais dialoga. A ética advém do corpo que se manifesta e se faz manifesto. Em *A Escultura de Si*, Michel Onfray lança mão de “uma figura ética, um personagem conceitual” (1995, p. 23), o *condottiere*, uma manifestação do *Übermensch*⁶², ou seja, tipo de homem para além do sentimento de culpa e ideais ascéticos, um homem que não espera a salvação dos céus, mas declara a si mesmo liberto. Prossegue Ferreira Costa afirmando que

o condottiere é a figura emblemática do materialismo hedonista, pois trata-se de um autêntico libertário, desvinculado das imposições tradicionais, como a religião, a família e o Estado. Um ser que se põe no mundo de maneira ativa, criando seus próprios conceitos e se reinventado a cada momento da vida. (COSTA, 2010, p. 55)

⁶² Além do homem. Termo utilizado por Nietzsche.

Da Mata consoante a Costa acrescenta:

Esta figura, segundo o autor, é o esboço de um autêntico libertário e que também sintetiza seu pensamento materialista e hedonista. Esta noção de personagem conceitual é tomada de empréstimo por Michel Onfray do livro “O que é a filosofia?” (1997), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, onde os autores buscam definir a filosofia a partir da criação e fabricação de conceitos. A filosofia possui assim uma atuação criadora de conceitos, colocando-se claramente diante do mundo de forma ativa. Segundo eles, a criação de conceitos é inevitavelmente uma intervenção no mundo, e como tal é a própria criação de um mundo. (DA MATA, 2007, p. 69)

Onfray, define o *condottiere* nos seguintes termos:

Mas o Condottiere é antes de tudo uma figura de excelência, um emblema da Renascença que associa a calma e a força, a quietude e a determinação, o temperamento artístico e a vontade de reinar sobre si mesmo antes de qualquer outra forma de império. Seu caráter é dominador, sua natureza ardente. Longe das virtudes cristãs, essas diminutas lógicas, contra a humildade que define, a culpabilidade que corrói, a má consciência que mina, o ideal ascético que mata, o Condottiere pratica uma moral elevada e de afirmação, uma inocência, uma audácia e uma vitalidade que transbordam. Sua ética é também uma estética: às virtudes que amesquinham, ele prefere a elegância e a cortesia, o estilo e a energia, a grandeza e o trágico, a prodigalidade e a magnificência, o sublime e a eleição, o virtuosismo e o hedonismo — uma autêntica teoria das paixões destinada a produzir uma bela individualidade, uma natureza artística cujas aspirações seriam o heroísmo, ou a santidade que permite um mundo sem Deus, desesperadamente ateu, esvaziado de tudo, exceto das potencialidades e das decisões que o fazem expandir-se. (ONFRAY, 1995, p. 19.)

Observa-se que há uma série de características apontadas por Onfray em seu personagem conceitual ético. A vontade de potência, o individualismo, o hedonismo ateu, o caráter dominador da “moral de senhor” em oposição à “moral de escravo”, a alegria como objetivo. O condottiere é aquele que conduz ao contrato, um compromisso entre partes, aqui entendido como um projeto ético e estético a fim de superar o ascetismo e se opor ao espírito religioso. Deste modo, hedonismo ateu

é; “alegre e ousado, inimigo do que ata e reata, amante apaixonado do que separa e cava fossas [...] o condottiere é o contrário do espírito religioso que se define como fanático por laços, logo, por garrotes e ligamentos” (ONFRAY, 1995, p. 44). Onfray enfatiza: “ele decidiu ser radicalmente ateu ao recusar cristalizar seu querer” (1995, p. 44). Apesar das críticas onfrayanas ao poder e a autoridade que a religião exerce sobre a construção dos valores humanos, o pensador francês escolhe como figura conceitual uma personagem de autoridade e poder centralizador.

A fórmula “fazer de sua vida uma obra de arte” é assumida pela filosofia onfrayana enquanto princípio pelo qual o sujeito atribui a si mesmo o sentido de sua existência, efetiva a ética pela exaltação da vida na medida em vai esculpindo sua estética, isto é, uma identidade que prima pelo fruir. Em outras palavras, ao afirmar sua ética existencial libertária, o indivíduo é convidado a fazer uma micro revolução, tal como explica Foucault (1979b, p. 732) *História da Sexualidade III – O cuidado de Si*.

Onfray é por uma ética estatizante, uma vez que a identidade de cada um ganha corpo a medida que este vai se esculpindo, experimenta emoções, toma decisões e estabelece relação com o outro, assim, vive uma experiência existencial. O conceito *hápxax existencial*⁶³ serve para explicar melhor este momento que traz sentido a experiência existencial. Este está diretamente relacionado com a ideia de *kairós*, ou seja, um momento específico que dá ao corpo uma experiência significativa que ultrapassa o divisível, o metricamente racionalizado. É uma experiência que “ultrapassa a razão para tornar caduco os meios dos quais ela dispõe para exprimir, habitualmente o real” (ONFRAY, 1995, p. 62). Em consequência desta experiência tem-se o sentido em forma de sensações. O filósofo esclarece:

Desses hapaxes emanam emoções às quais se consente por encantamento. Resta uma impressão delicada, evanescente, porem segura, com a qual se fabrica, para si, pontos de ancoragem para estruturar sua própria identidade, por simpatia. Seguem-se, muito naturalmente, as premissas para um comércio consigo mesmo cujo propósito seria a promoção de uma estética. (ONFRAY, 1995, p. 62).

⁶³do grego *hapax legomenon*, significa 'o que foi dito uma única vez'. cuja a especificidade reside na impossibilidade de uma duplicação. Onfray, Michel. *Escultura de Si*. 1995. p. 62.

Assim, a ética e conseqüentemente a moralidade dependem da forma como o indivíduo percebe a si mesmo em relação ao outro, neste sentido a moral deve se opor a todo valor cristalizado que faz manter a lógica de dominação e submissão construída pela filosofia idealista e religiosa. Já no sentido ético, a vida é uma obra de arte pessoal, um governo de si mesmo (*auton heauton archein*), a fim de forjar valores sem raiz metafísica, aliás, segundo o hedonismo defendido por Onfray não há ética fora do hedonismo, já que o autor entende que qualquer tipo de ética não hedonista afasta o homem da realidade e reprime seus desejos voluptuosos.

3.4 Utilitarismo pragmático

O utilitarismo onfrayano é apresentado enquanto diálogo com o próprio corpo, nesta dialética o prazer é o objetivo a ser alcançado, o sentido da existência na relação consigo mesmo e com o outro. Onfray insiste na ideia de o sentido da existência se faz *a posteriori* por meio daquilo que o autor chama de “razão corpórea”, ou seja o conhecimento transcorre o corpo por meio dos sentidos, mas não se restringem a eles, pois passa pela reflexão, pelo exame racional a fim de formular, comunicar e trocar saberes e prazeres. “Sou por uma filosofia utilitarista e pragmática, e não por sua irmã inimiga: idealista e conceitual. Somente a primeira permite o projeto existencial.” (ONFRAY, 2010, p. 25).

O útil é entendido como sendo o prazer, aquilo que é agradável individualmente e subjetivamente a fim de promover a felicidade e a alegria para si e para o outro, sendo assim; a medida para estabelecer a moralidade. Não obstante, o desagradável e o descontentamento estabelecem a medida do inútil.

Onfray explica que ao partir do utilitarismo pragmático, as noções de “bem” e “mal” se dessacralizam, não são àquelas descritas pelas religiões, mas partem das relações humanas, se fazem a partir da comunicação e interação do seres que visam a felicidade. Vale retomar as palavras do filósofo:

Bem e Mal existem não mais porque coincidem com as noções de fiel ou infiel em uma religião, mas com respeito à utilidade e à felicidade do maior

número possível. O contrato hedonista - impossível ser mais imanente... - legitima toda intersubjetividade, condiciona o pensamento e a ação, prescinde totalmente de Deus, da religião e dos padres. Não há nenhuma necessidade de ameaçar de um Inferno ou de seduzir com um Paraíso, inútil erigir uma ontologia da recompensa e da punição post mortem para convidar à ação boa, justa e reta. (ONFRAY, 2005, p. 94. Tradução: Monica Stahel).

A respeito da felicidade no utilitarismo, Mill escreve:

Por felicidade se entende prazer e a ausência de dor, por infelicidade, dor e a privação do prazer. Para dar uma clara ideia do padrão moral estabelecido pela teoria, é preciso dizer muito mais; trata-se de saber, em particular, o que está incluído nas ideias de dor e prazer e em que medida esse debate é uma questão aberta. Mas essas explicações suplementares não afetam a teoria de vida sobre a qual se funda a teoria da moralidade, a saber, que o prazer e a imunidade à dor são as únicas coisas desejáveis como fins, e que todas as coisas desejáveis (as quais são tão numerosas no esquema utilitarista como em qualquer outro) são desejáveis quer pelo prazer inerente a elas mesmas, quer como meios para alcançar o prazer e evitar a dor (Mill, 2000, p. 187)

De modo geral, pode-se dizer, que a ateologia seleciona o utilitarismo de Mill para fundamentar sua proposta. Ademais, Onfray destaca o termo “polidez”, pois quer conduzir-nos a interpretação deste, tendo por objetivo traçar a postura virtuosa para além do universo encantado das religiões. Apesar de a polidez não ser uma virtude em si mesma, esta é descrita pelo filósofo como sendo a ferramenta com a qual se possa esculpir a si em relação ao outro. Vejamos o que Michel Onfray(1995, p. 169-172) quer dizer “polidez”:

- 1) Princípio seletivo com o qual se estabelece a dinâmica das relações humanas. Força estatizante que mede e define a estrutura do relacionamento com base no útil.
- 2) O *pathos*⁶⁴ da distância, aquela que evita o desgaste e as indisposições. Não se afasta demasiadamente, pois não quer se isolar, sofrer a solidão de si mesmo.

⁶⁴Além da significação usual de paixão, afeto, dor, sofrimento, etc., está em imediata ligação com a vida, Profundamente significativo àquele que padece e se furta à instrumentalização da razão, ou

- 3) Uma relação equilibrada que gera conhecimento de si e do outro, não se limitando ao superficial, mas um relacionamento de qualidade, geradora de alegrias, jubiloso.
- 4) Uma arte moral construída em favor dos corpos que se relacionam.
- 5) Deve conduzir à presciência do prazer, assim, quer o prazer do outro sem saber exatamente do que se trata.
- 6) É contrária ao egoísmo, pois, se preocupa com a relação, com o que esta produz. Exige do outro uma postura que reverbera e define a estética da relação.

Enfim, a “polidez” não pode ser compreendida como um conceito “ready made”, isto é, fixo e racionalmente delineado, mas, um princípio instrumental, ou seja, “o instrumento de um utilitarismo bem compreendido no qual visa-se uma estetização das relações” (ONFRAY, 1995, p. 172). Partindo desta ideia, o filósofo também se coloca a favor dos “rizomas”, proposta apontada por Deluze e Guattari (1972-1980) quando estes defendem um sistema conceitual aberto, a fim de relacionar os conceitos às circunstâncias, não mais à essência⁶⁵. Em suma, a relação humana é guiada pela vontade estética que de um fluir e fruir constante, um *panta rei* a favor do útil.

Deste modo, o “rizoma” é o ponto de partida para a “eumetria”, um neologismo (ONFRAY, 1995, p. 173) forjado para caracterizar o equilíbrio que visa estabelecer as condições harmoniosa na relação eu e o outro. Por isso Onfray coloca a amizade como sendo a virtude de maior valor, haja vista a relação amistosa sendo uma situação da prática eumétrica. Neste ponto concordo com a análise descrita por Da Mata:

Este conceito (eumetria) é utilizado pelo autor e refere-se ao equilíbrio no movimento como condição pela qual o hedonismo se baseará no arranjo das forças entre as partes envolvidas na relação, para que se estabeleça assim, uma relação ética. Apenas por meio desse equilíbrio é possível pensar o materialismo hedonista e sua prática libertária no cotidiano. (2007, p. 94)

Sobre o conceito de amizade enquanto virtude, Onfray salienta:

seja, sentimos ou temos que suportar algo em meio às dores. (VIESENTEINER, Jorge Luiz. 2013, p. 146)

⁶⁵ Em entrevista publicada no jornal "Liberación", em 23 de outubro de 1980.

No registro hedonista, a amizade é o princípio de harmonia pelo qual, ao realizar a partilha dos afetos, aumentam-se as alegrias e se diminuem as dores do amado, assim como as suas próprias. A amenização da aflição induz imediatamente o aumento do prazer. (ONFRAY, 1995, p. 177)

Um ponto importante sobre a o utilitarismo, é que, conforme descrito aqui, Onfray busca convergir toda a sua proposta em um universo das relações humanas. A saber, a eumetria, a polidez, a amizade, a dessacralização dos valores, a afirmação do prazer que decorrem do materialismo hedonista dão forma ao indivíduo que se relaciona consigo mesmo e com os demais. Por conseguinte, a amizade é a conduta concreta de atuação do ser humano, pois como já dito, ela é a necessidade de receber, mas também de doar o júbilo. Sobre esse fato, Ferreira Costa observa:

Nesse momento, a filosofia de Onfray pretende ter entrelaçado seus diferentes pressupostos para produzir as razões que atestem seu materialismo hedonista. O grande desafio do autor, ao que parece, persiste em encontrar a conjugação entre a individualidade e a perspectiva de um ser autônomo com a alteridade. Em defesa do autor, é certo insistir que sua proposta ética e ontológica não deve ser confundida com a defesa do egoísmo, mas a satisfação mútua de desejos. A amizade pode ser identificada como uma importante articulação para concretização de seus ideais, pois representa um tipo de relação equilibrada. Todavia, entre as relações em que não exista a necessidade de acordos e o equilíbrio, não há problema algum na defesa de um subjetivismo em seu materialismo hedonista. (COSTA, 2010, p. 57)

Sinteticamente, o utilitarismo pragmático onfrayano abre espaço para a construção do homem a partir dele mesmo, também viabiliza um projeto moral na medida em que o útil promove a felicidade, isto é, uma ação moral será boa com base naquilo que ela produz individualmente e coletivamente.

Sobre a validade do utilitarismo onfrayano, compreendo assim como argumenta Da Mata (2007, p. 19) e Ferreira Costa (2010, p. 70), quando ambos constatarem que o utilitarismo é a via pela qual Onfray pragmatiza sua proposta filosófica, a fim de produzir uma ética e conseqüentemente uma moralidade dessacralizada e desencantadora, ou seja, ateológica.

4.0 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ATEOLOGIA ONFRAYANA

O ateísmo pós-cristão desmonta com o mesmo fervor os valores herdados do Novo Testamento que impedem uma real soberania individual. Michel Onfray⁶⁶

Sobre o ateísmo pós-moderno de Onfray, este traz consigo um conjunto de ação e ideologias que se compõem a partir do hedonismo, do materialismo, da ética imanente, do utilitarismo, da historiografia alternativa e da desconstrução das grandes religiões.

Em *Traité d'Athéologie*(2005), sinto que existe de certa forma uma preocupação exagerado com as questões religiosas, as críticas muitas vezes mordazes e assistemáticas ocupam a maior parte da obra que tem por subtítulos *Physique de la Métaphysique*, no entanto há uma versão desta publicação cujo título *In Defense of Atheism* (2007) traz o seguinte subtítulo, *The Case Against Christianity, Judaism, and Islam*, que se comparado ao original publicado em francês evidencia-se um caso clássico de “mistranslation” , contudo ao ler a obra, observa-se que a tradução adotada pela editora canadense Viking(2007) está melhor harmonizada com a proposta exposta no corpo da obra. Neste caso, o subtítulo não deixa dúvida, a defesa do ateísmo tem o compromisso de se opor às religiões monoteístas, mais especificamente ao cristianismo.

O primeiro ateu radical é Jean Meslier, um padre; em seguida, D’Holbach, o arauto da ateologia que desenvolveu a exegese ateia, cujo o objetivo era contestar a validade da religião cristã. Onfray confirma, o ateísmo tem um compromisso com a religião; o de desconstruí-la e atacá-la em suas origens. “Desconstruir os monoteísmos, desmistificar o judeu-cristianismo – mas também o islã, sem dúvida, depois desmontar a teocracia, eis três empreendimentos inaugurais para a ateologia” (ONFRAY, 2005, p. 98. Tradução: Monica Stahel). Neste sentido, a obra *Traité d'Athéologie* tem a mesma pretensão de Sam Harris’ (2004) em *The End of Faith*, Richard Dawkins(2006), *The God Delusion* e Daniel Dennett(2006), *Breaking*

⁶⁶ 2010, p. 39.

the Spell: Religion as a Natural Phenomenon. Enfim, quanto mais próximo do radicalismo ateu, isto é, daquilo que Onfray chama de “*athéisme athée*”, maior é o compromisso com a categoria de desconstrução das religiões.

Vale lembrar que o termo “ateologia” tem sua primeira referência no pensamento de Georges Bataille, em *Somme athéologique*⁶⁷ que compreende três escritos; *L'Expérience intérieure* (1943), *Le Coupable* (1944) e *Sur Nietzsche* (1945)⁶⁸. As similaridades com a ateologia de Onfray não se limitam apenas ao empréstimo do termo. Bataille também propõe um projeto a partir do corpo e declara o cristianismo uma religião de oposição à vida.

É importante ressaltar que Bataille considera o cristianismo como a ausência da salvação. É desespero de Deus. A agonia de Deus, na pessoa do homem, é fatal, é o abismo onde a vertigem solicita que o homem caia. A agonia de Deus não se interessa pela explicação do pecado. Ela justifica não somente o céu, mas o inferno. No cristianismo, a vida é condenada e as pessoas do progresso santificam-na; os cristãos limitaram-na ao êxtase e ao pecado, o progresso nega o êxtase, o pecado, confunde a vida e o projeto, e santifica o projeto. (STROZZI, 2007, p. 65)

Nesta mesma direção observa-se que as acusações de Onfray ao declarar o cristianismo uma neurose obsessiva (argumento freudiano) que afasta o ser humano da realidade e cria uma moral ascética, primeiramente foram registradas na *suma ateológica* de Bataille.

Ora, em *Totem e Tabu*, cuja leitura é aqui o ponto de partida de Bataille, Freud afirma que a “consciência de culpa” (Schuldbewußtsein) – tendo tido um papel importante na origem da “consciência moral” (Gewissen), se tem em vista a experiência dos clãs totêmicos – se manifesta nos neuróticos obsessivos como uma exagerada “conscienciosidade” (Gewissenhaftigkeit), uma permanente reafirmação das proibições morais que, todavia, revelariam uma insistente tentação inconsciente. Seria essa dupla tendência a causa da consciência de culpa, uma espécie de “angústia da consciência” (Gewissenangst). (AQUINO, 2010, p. 91)

Sobre o Idealismo estar diretamente relacionado às propostas religiosas, Bataille também defendia a superação deste modelo, assim como Onfray.

⁶⁷ Suma ateológica

⁶⁸ A Experiência interior (1943), O Culpado(1944) e Sobre Nietzsche (1945)

O idealismo tem para Bataille a mesma estrutura da religião nas sociedades civilizadas, e esta é, para ele, assim como para Freud, uma “neurose”. Lembrando que a psicanálise toma as ideias místico-idealistas da culpabilidade e do pecado como sintomas de uma neurose, de uma “perversão retornada” (Idem, 2010, p. 92)

Na esfera da estética da existência, Onfray optou pelo princípio adotado por Sartre, “O homem não é nada mais do que aquilo que faz a si próprio”, isto é, é preciso aprender a viver. Isso quer dizer que *a priori* a vida não tem sentido, pois, um hedonista é um escultor de si mesmo, chega-se ao mundo e isso sem qualquer valor, desde o dia em que se nasce a morte é uma realidade que vem dar fim a existência. Assim, é preciso dar sentido à vida, encarar a responsabilidade de forjar a nós mesmo, definir contornos e formas para nossa existência. Visto deste modo, a estética onfrayana é um convite à existência criativa, àquela que percebe em suas escolhas as possibilidades para atribuir sentido à vida. Sinteticamente, pode ser descrita da seguinte forma: “faça algo com sua existência ou sua existência fará algo de você”.

Ainda sobre a estética da existência, vale notar outro ponto de contato que entra a *ateologia* de Onfray(2005) e a *suma teológica* de Georges Bataille(1943-1945). Ambos sofrem influência do movimento dadaísta em sua filosofia. No caso de Bataille, Aquino argumenta que o escritor francês vê na arte contemporânea uma expressão daquilo que o homem tem dentro de si, isto é, ideais muitas vezes hostis à vida (AQUINO, 2010, p. 91). Já para Onfray,

a noção de escultura de si está ligada à tentativa de focalizar o querer em uma forma, organizando o caos para que surja uma ordem, uma harmonia e um sentido. Neste sentido, Onfray coloca-se como “herdeiro” do Dadá e sua noção de arte contemporânea. Agora a matéria-prima é a própria vida e o tempo coincide com a construção de situações e de momentos existenciais. O autor resgatará também nos situacionistas e suas formulações acerca das situações, elementos que possibilitem ao hedonista perceber a realidade em sua volta e elaborar sua estátua. Ele interessa-se pelo efêmero, pelo único, pelo gesto puro que se dá a cada situação como parte de uma prática experimental. (DA MATA, 2007, p. 97)

Convém notar que o pressuposto central da ateologia onfrayana é o materialismo radical hedonista, com o qual todos os demais estão comprometidos, a saber, o ateísmo radical, o utilitarismo, a ética, e a razão. Nietzsche é o pensador recorrente nas argumentações de Onfray, em *A Potência de existir* (2010), o autor chega a afirma-se como nietzschiano de esquerda, em *A Política do Rebelde*(1999), Onfray atribui à Nietzsche formulação dos princípios da filosofia do corpo imanente. Vejamos como o autor esboça:

Nietzsche formulou os princípios dessa positividade querida e desejada: uma filosofia do corpo imanente, um convite em consentir na inocência do devir, quaisquer que possam ser suas modalidades, desejos, prazeres, sentimentos, paixões, emoções e sensações. Também aspirava a invenção de novas possibilidades de existência, à reconciliação com o nosso Eu, que convidava a não ser mais detestável, ao querer do prazer no registro do eterno, do eterno retorno, da repetição, da reiteração incessante. E, também, formulando uma ética hedonista[...]. (ONFRAY, 1999, p. 156).

Contudo não compreendo que Nietzsche estivesse envolvido em um projeto hedonista, mesmo quando este trata da relação entre o espírito apolíneo e dionisíaco, a fim de argumentar a favor da construção da singularidade a partir da vontade apolínea e dionisíaca. Certamente, Onfray encontrou em Nietzsche elementos que servem para justificar a ontologia materialista, todavia entendo tal como Ferreira Costa:

Zaratustra não parece estar focado num projeto unicamente hedonista, porém, de reintegração e de espiritualização humana de seus próprios instintos. Deve se atribuir a essa proposta o uso de uma interpretação bem diferente daquela que conduz apenas à necessidade de legitimação do prazer, como mostrada por Onfray. (2010, p. 70)

É conveniente notar que diferente do ateísmo pós moderno de Comte-Sponville, o ateísmo onfrayano reclama a renúncia de toda e qualquer espiritualidade, visto que esta está associada à crença em Deus, às religiões, conseqüentemente aos valores ascéticos. A ateologia soa em certos pontos tal como uma profissão de fé, pois Onfray se utiliza de um discurso bem próximo ao religioso. A exegese atea, o hedonismo e o materialismo que liberta, a salvação dos

cativos pelo ideal ascético, a missão (militância) de proclamar a descristianização com a justificativa de que só existe uma postura verdadeiramente ética, ou seja, a favor da vida, dentro da proposta hedonista. Para tal projeto Onfray quer desfazer-se das estruturas de valores que foram construídas sob influência religiosa e transcendente. A família, o Estado e a Educação não devem permanecer da forma que estão, ganham uma estrutura puramente imanente. As consequências deste projeto? Onfray se mostra seguro em prognosticar: “esta filosofia proporciona uma salvação, oferece uma mediação eficaz” (ONFRAY, 2008, p. 98), assim; na ateologia, a felicidade, a elegeria, a celebração da vida e gozo são prazeres terrenos vividos aqui como expressão de nossa existência. Contudo não tenho tanta certeza na eficácia de sua filosofia salvadora. Entendo que assumir o verdadeiro ateísmo (*athéisme athée*) enquanto projeto individual e social é antes de tudo estar disposto a se desfazer da atual forma de se perceber e se relacionar. Onfray diz ser esta a saída para uma sociedade melhor (*l’individu affranchi*), entretanto Comte-Sponville (2006) e Luc Ferry(2011) discordam. Ambos afirmam que de certa forma a religião e os ideias transcendentais foram e são importantes para a construção de nossa forma de perceber a nós mesmos e ao mundo.

O ateísmo pós moderno onfrayano quer uma verdadeira revolução desconstrutora, de ruptura com o idealismo e a religião, em sentido amplo, isto é, do hedonismo em ética, do materialismo em ontologia, do anarquismo em filosofia política e a lógica pelo utilitarismo. Contudo, apesar de se declarar anarquista (ONFRAY, 1999b, p. 190), o tratado ateológico é hierarquizante, uma vez que inferioriza os valores idealistas e considera a superioridade do ateísmo. “*l’atheisme seul rend possible la sortie du nihilisme*”⁶⁹. (ONFRAY, 2005, p. 66)

Daí uma empreitada nova e superior para o ateísmo: Meslier negou qualquer divindade, Holbach desmontou o cristianismo, Feuerbach desconstruiu Deus, Nietzsche revela a transvaliação: o ateísmo não deve funcionar somente como um fim. Suprimir Deus, certamente, mas para fazer o quê? Uma outra moral, uma nova ética, valores inéditos, impensados pois impensáveis, eis o que permitem a realização e a ultrapassagem do ateísmo. Tarefa temível e que virá. (ONFRAY, 2005, p. 65, Tradução: Monica Stahel)

⁶⁹ Só o ateísmo possibilita sair do nihilismo. Tradução minha.

É possível identificar que quando o autor faz alusão às religiões, este condena “*le sentiment de supériorité*”⁷⁰ (ONFRAY, 2005, p. 257), todavia, ao tratar do ateísmo o mesmo sentimento de superioridade é exaltado (ONFRAY, 2005, p. 65). Encontrei nas próprias palavras do autor a explicação do porquê de sua postura sectária. “Toda filosofia é sempre a autobiografia e a confissão de (do corpo) de um filósofo” (ONFRAY, 2008, p. 22).

Se observa ainda que análise onfrayana acerca das religiões vêm muitas vezes carregada de anacronismo e sensacionalismo, neste sentido o trabalho de Ferreira Costa aponta alguns casos, como por exemplo:

Segundo a autora (FERNANDEZ, 2005, p. 20), há grande complexidade ao estudar a história antiga, sobretudo os acontecimentos do Velho Testamento. Existem acusações indevidas ao dizerem que as religiões Incentivam a violência e a guerra, o que merece certamente uma série de cuidados quando discutidas. Livros como Êxodo, Levítico, Deuteronômio e a lei do Talião afirmam Fernandez, não estão destinados a encorajar a violência, mas a contrariar, a limitar, a interditar vinganças descabidas e atos injustos praticados pelos ímpios que desconhecem as leis divinas. A autora aponta outro equívoco da ateologia onfrayana durante o uso da expressão “guerra santa”. Para ela, trata-se de um termo contemporâneo, por isso impróprio para interpretar fatos históricos da antiguidade, como aquilo que fora narrado por exemplo no livro de Josué. Onfray cita essa passagem como prova de um comportamento sanguinário, oriundo da tradição judaico-cristã, diferente de Fernandez ao relatar que o povo de Jericó propunha-se apenas à obediência a ordem divina. A riqueza dos detalhes contidos na passagem bíblica atestam, segundo a autora, uma prática bastante arcaica que Israel não teria inventado, porém, compartilhado com outros povos do Oriente Médio. (COSTA, 2010, p. 70)

Entendo que este problema se dá, visto que os valores do filósofos não são abandonados no processo cognoscitivo, pois é a partir de seu interesse que Onfray vem delinear suas impressões acerca do idealismo e da religião, a fim de afirmar enquanto realidade sua leitura do mundo. Creio que tal como afirmava Kant: a realidade é sempre algo mais do que nossos conceitos são capazes de representar. A ateologia onfrayana quer produzir um tipo de homem libertário, isto é, o ser humano não deve “colocar nada mais alto do que sua liberdade, sua

⁷⁰ O sentimento de superioridade

capacidade de se determinar de modo autônomo e independente. Sua soberania é seu bem mais precioso, a alienação seu risco mais temido.” (ONFRAY, 1995. p. 48).

Por último, vale ressaltar a importância da filosofia onfrayana no que tange ao resgate de autores que ficaram às margens da historiografia oficial, principalmente no Brasil. De modo bem particular a história do materialismo e do hedonismo ganham destaques em seu projeto intitulado *Contra-História da Filosofia*. Sobre a ateológico, Onfray tem um projeto audacioso, o de mudar as bases da cultura ocidental, pois para o autor estas bases estão sobre o idealismo e cristianismo.

Palavras Finais: Novas perguntas e sugestões para futuros estudos

A presente investigação buscou apresentar a rede de pressupostos com os quais Onfray formula sua ateologia. Valores estes que constituem os pilares da ateologia e fundamentam o ateísmo pós-moderno onfrayano. Um ateísmo que surge primeiramente a partir da autobiografia, das experiências que marcaram o corpo do filósofo. Contudo, o autor busca fundamentar seu projeto ateológico. Negar o transcendente, significa eleger o imanente, assim a ateologia se sustenta na razão materialista para afirmar uma ética libertária. Neste sentido, a ética que foi defendida pelo autor, é também uma estética, maneira com a qual o sujeito lhe dá consigo mesmo e com o outro.

O utilitarismo define aquilo que será entendido como bem e mal, justo ou injusto, mas relativamente a um projeto existencial. O materialismo hedonista fundamenta a ontologia ateísta e estabelece o imperativo categórico útil para formular a ética. *Em Contra-História da Filosofia* o filósofo deixou claro que está a sua historiografia funciona em oposição à historiografia oficial e a teologia, que segundo o autor é dominada pelo niilismo que renuncia a matéria e propicia a postura ascética perante a vida.

A ateologia é para o autor uma necessidade a favor da vida, uma reforma no campo da filosofia, um projeto de convergência para afirmar *o fato ateu*, por este motivo deve ser militante, a fim de produzir uma consciência encarnada. Para tal intento, o filósofo fundou duas Universidade populares (*Université Populaire de Caen, Université Populaire du Goût d'Argentan*) na França, escreveu mais de sessenta 50 obras, além um *Anti-manual de Filosofia(2001)* voltado para o ensino de filosofia na educação básica.

A relevância da pesquisa em Michel Onfray, mais especificamente os pressupostos de sua ateologia está na necessidade de expor os fundamentos do projeto ateológico que este formula, a fim de estabelecer uma laicidade pós cristã, bem como apontar em que sentido o ateísmo pós-moderno onfrayano se diferencia dos filósofos iluministas e ateus contemporâneos, tais como Comte-Sponville (2006) e Luc Ferry(2011). Durante desenvolvimento da pesquisa percebi que há uma carência de estudos acerca de certos temas que envolvem a ateologia. Então, com o intuito de contribuir para futuros trabalhos em Onfray, vou aqui sugerir alguns

estudos para serem desenvolvidos, a saber: A ontologia materialista, o utilitarismo e a moralidade, O mundo grego a partir da *contra-filosofia*, a ética estética e sua relação com a política, o “ateísmo ateu” em sob o foco da teologia, a validade psicologismo Onfrayano e o anarquismo enquanto postura ética, a mídia e a filosofia pós-moderna de Onfray.

Certamente, a ateologia é um terreno novo a ser investigado, merece a atenção da academia, haja vista a necessidade de se avaliar as reflexões e o impacto desta filosofia no que tange a história do pensamento contemporâneo.

Referências Bibliográficas e Bibliografia

Fontes primárias:

ONFRAY, Michel. A arte de ter prazer: por um materialismo hedonista. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo, Martins Fontes, 1999a.

ONFRAY, Michel. Antimanual de filosofia. Editorial EDAF, 2005

ONFRAY, Michel. A política do Rebelde: tratado de resistência e insubmissão. Lisboa: Instituto Piaget, 1999b.

ONFRAY, Michel. A potência de existir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010

ONFRAY, Michel. Contra-história da filosofia, Parte 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008

ONFRAY, Michel. Contra-história da filosofia, Parte 2. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008b

ONFRAY, Michel. Contra-história da filosofia, Parte 3. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012

ONFRAY, Michel. Contra-história da filosofia, Parte 4. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b

ONFRAY, Michel. In Defense of atheism: The case against Christianity, Judaism, and Islam. Toronto: Viking Canada, 2007.

ONFRAY, Michel. Sinopse da obra L'ordre libertaire: La vie philosophique d'Albert Camus. 04 jan. 2012. Disponível em: <<http://mo.michelonfray.fr/oeuvres/bibliographie/lordre-libertaire-la-vie-philosophique-dalbert-camus-ed-flammarion-040112/>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

ONFRAY, Michel. Traité d'Athéologie: physique de la métaphysique. Paris : Grasset & Frasnelle 2005. Le livre de poche.

Estudos Críticos:

ALVAR, Jaime. Um Tratado Fracasado: La ateología como discurso del ateísmo cristiano. In: Diálogos da história antiga. Vol. 32 No. 2, 2006. p. 125-137.

COSTA, A. L. F. Ateísmo e Materialismo Hedonista: um balanço crítico da Ateologia de Michel Onfray. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de Brasília

COSTA, A. L. F. O Ateísmo de Michel Onfray: apresentação e balanço crítico da obra Tratado de Ateologia. In: III Congresso Brasileiro de Filosofia da Religião, 2009, Brasília. Anais do III Congresso Brasileiro de Filosofia da Religião. Brasília: Época Editoria, 2009. v. único.

DA MATA, João. Prazer e Rebeldia: O Materialismo Hedonista de Michel Onfray. Rio de Janeiro: editora Achiamé, 2007.

DA MATA, João. Prazer e Rebeldia: O Materialismo Hedonista de Michel Onfray. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

CAIAFFO, Stéfani; DA MATA, João. Michel Onfray e Roberto Freire: um encontro entre anárquicos. Rio de Janeiro, 2007.

MARTINES, Carmelo. "Ateísmo Pós-moderno: Análisis Y Crítica De Sus Argumentos. (Spanish)." Davarlogos 9, no. 2 (September 2010): 195-205. Fuente Académica, EBSCOhost (accessed May 26, 2013).

MARTÍNEZ, Priego Consuelo. LA "Sociedad Sin Padre" En La Obra Psicológica De Rof Carballo. Aproximación A La Cuestión Del Ateísmo Contemporáneo Límite [en línea] 2011, 6: [fecha de consulta: 26 de mayo de 2013] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=83622474004>> ISSN 0718-1361

MOURA, Matheus. Revista Filosofia: Contra o pensamento dominante: Publicada em 26/07/12 <http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/37/artigo263391-1.asp> Acesso em: 01 abr. 2013

PIVA, P.J.L. Tratado de ateologia: física e metafísica. Revista de Filosofia: Aurora (PUC-PR. Impresso), v. 21, p. 249 – 254, 2009.

PIVA, P.J.L. O ateísmo militante de Michel Onfray. Discutindo Filosofia, São Paulo, p. 30 – 32, 08 de janeiro de 2007.

PIVA, P.J.L.; GENTIL, H. S.; MORATO, D. Ensaios sobre filosofia francesa contemporânea. São Paulo: Alameda Editorial, 2009.

PORTUGAL, Agnaldo Cuoco, COSTA, Abraão Lincoln Ferreira. O Ateísmo Francês Contemporâneo: uma comparação crítica entre Michel Onfray e André Comte-Sponville. Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p.127-144, jul./set. 2010.

Literatura de apoio:

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. MATERIALISMO E DIALÉTICA EM GEORGES BATAILLE. *Philosophos - Revista de Filosofia*, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 83-102, nov. 2010. ISSN 1982-2928. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/view/11069>>. Acesso em: 01 Dez. 2013. doi:10.5216/phi.v15i2.11069.

ARISTÓTELES. Trad. Gerd Bornheim. São Paulo: Abril cultural, 1981. Coleção Os Pensadores

ALFONSO, Jorge. *Filosofía Y Psicología. Un Reencuentro Necesario Límite* [en línea] 2011, 6 [fecha de consulta: 26 de mayo de 2013] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=83622474001>> ISSN 0718-1361

ALVES, Rubem. O que é religião. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BATISTA, Ana Letícia Adami. O de Voluptate de Lorenzo Valla: tradução e notas [online]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. Dissertação de Mestrado em História Social. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02122010-153245/>>. Acesso em 18. Jun. 2013

BATAILLE, Georges. O erotismo. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

BATAILLE, Georges. Teoria da Religião. São Paulo: Ática, 1993

BORGES, Augusto Contador. A Revolução da Palavra Libertina. In: SADE, Marquês de. A Filosofia na Alcova. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.

BRESOLIN, Kleber. Kant e a religião nos limites da razão: um breve ensaio. *Cultura e Fé* (Porto Alegre), v. 124, p. 83-92, 2009.

COMTE-SPONVILLE, André. L'esprit de l'athéisme – Introduction à une spiritualité sans Dieu. Paris : Albin Michel, 2006.

DAWKINS, Richard. The God Delusion. New York : Houghton Mifflin Company, 2006.

DURANT, Will, História da Filosofia - A Vida e as Ideais dos Grandes Filósofos, São Paulo, Editora Nacional, 1.^a edição, 1926.

ELIADE, Mircea. História das Crenças e das Ideais Religiosas. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978

ENCICLOPÉDIA The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Online Version. Disponível: <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2013/entries/lorenzo-valla/>>. Acesso em 18. Jun. 2013

EPICURO. Pensamentos. São Paulo: Martins Claret, 2005.

FERRATER MORA, J. Dicionário de filosofia. São Paulo: Loyola, 2004.

FERRY, L. & JERPHAGNON, Lucien. A tentação do Cristianismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FOUCAULT, M. A Hermenêutica do Sujeito. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. História da sexualidade II – O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1994a.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade III – O cuidado de Si. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1994b.

FRANÇOIA, Carla Regina. Justine ou os infortúnios da virtude. 2006.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

HADOT, P. Que es la filosofia antigua? Mexico: Fondo de Cultura Ecnômica, 2000.

HAMLYN, D. W., Uma História da Filosofia Ocidental, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990

HARRIS, Sam. Carta a uma nação cristã. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

HEGEL, G. W. F. Fenomenologia do Espírito. Petrópolis: Vozes, 1988.

HITCHENS, Christopher. Deus não é grande. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

HOLBACH, Paul-Henri Thiry D'. Christianity Unveiled: Being an examination of the orinciples and effects of the christian religion. 1819. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/browse/authors/h#a2420>>. Acesso em: 10 out. 2013.

HOLBACH, Paul-Henri Thiry D'. De La Cruauté Religieuse. Paris: Chez Les Marchands de Nouveautés, 1826. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/41336/41336-h/41336-h.htm>>. Acesso em: 10 out. 2013.

HOLBACH, Paul-Henri Thiry D'. Ecce Homo! or, A Critical Inquiry Into the History of Jesus of Nazareth: Being a Rational Analysis of The Gospels. New York: Gordon Press, 1977. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/39052/39052-h/39052-h.htm>>. Acesso em: 10 out. 2013.

HOLBACH, Paul-Henri Thiry D'. Letters to Eugenia; Or, A Preservative Against Religious Prejudices. Boston: Josiah P. Mendum, at the office of the boston investigator, 1857. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/31275/31275-h/31275-h.htm>>. Acesso em: 10 out. 2013.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura - Os pensadores - Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura - Os pensadores - Vol. II. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos Costumes e Outros Escritos. São Paulo: Martin Claret: 2004.

KEYT, David. Aristotle and the ancient roots of anarchism. Springer Science, 2013

MESLIER, Jean. Le Testament de Jean Meslier. Forgotten Books, 2013.

MILL S. John. Utilitarismo (1861). Trad. Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NASCIMENTO, Maria das Graças de Souza. O estranho testamento de um vigário de província: as memórias de Jean Meslier. Trans/Form/Ação [online]. 1985, vol.8, pp. 71-77. ISSN 0101-3173. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31731985000100007>>. Acesso em: 10 out. 2013.

NASSARO, Sílvio Lúcio Franco. A pluralidade da verdade em Erasmo [online]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. Tese de Doutorado em Filosofia. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-26112010-165124/>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. A origem da tragédia. Trad. Joaquim José de Faria. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- NUNES, Benedito, A Filosofia Contemporânea, São Paulo: Ática, 1991
- PLATÃO. República. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997. Coleção Os Pensadores.
- PIÑERO, A. O outro Jesus segundo os evangelhos apócrifos. São Paulo: Paulus-Mercúrio, 2002.
- PIVA, Paulo Jonas de Lima. O ateu virtuoso: materialismo e moral em Diderot. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.
- PIVA, Paulo Jonas de Lima. Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier. São Paulo: Editora Alameda, 2006.
- PIVA, Paulo Jonas de Lima. "O primeiro ateu: a propósito do ateísmo e do ceticismo no Theophrastus Redivivus", in: SMITH, Plínio Junqueira e FILHO, Waldomiro Silva (Orgs.) Ensaios sobre o ceticismo. São Paulo: Alameda, 2007.
- REBOUL, Olivier. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROTTERDAM, Erasmo. Elogio da Loucura; São Paulo: Editora Rideel, 2003
- SADE, M. Diálogo entre um padre e um moribundo. Tradução de Alain François e Contador Borges. São Paulo, SP: Iluminuras, 2001.
- SADE, M. Justine ou os infortúnios da virtude. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro, RJ: Entrelivros.
- SADE, M. A filosofia na alcova. Tradução de Contador Borges. São Paulo, SP: Iluminuras, 2003.
- SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Trad. Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.
- STROZZI G. . Experiência Erótica e Religiosa em Georges Bataille. Âncora, v. 3, p. 13, 2007
- SOUZA, Maria das Graças de. Materialismo e história: o caso do Barão de Holbach. Dois Pontos (UFPR), v. 8, p. 23-36, 2011.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. O conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção. Kriterion, Belo Horizonte, v. 54, n. 127, junho 2013. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2013000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 dez. 2013.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2013000100008>.
- VOLTAIRE, J. M. A. de. Extraits du sen limens de Jean Meslier. Paris: Gallimard, 1965.